



Creche para todas as crianças

Realização



Save the Children

Patrocinador Máster





Save the Children

# Creche para todas as crianças

1ª Edição

Fundação Abrinq pelos Direitos da Criança e do Adolescente

São Paulo

2014



Save the Children

## CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

**Presidente:** Carlos Antonio Tilkian

**Vice-presidente:** Synésio Batista da Costa

**Secretária:** Bento José Gonçalves Alcoforado

## CONSELHEIROS

Bento José Gonçalves Alcoforado, Carlos Antonio Tilkian, Claudio Roberto I Sen Chen, Daniel Trevisan, David Baruch Diesendruck, Dilson Suplicy Funaro, Eduardo José Bernini, Elias Jonas Landsberger Glik, Fernando Vieira de Mello, Hector Nuñez, José Eduardo Planas Pañella, José Ricardo Roriz Coelho, José Roberto dos Santos Nicolau, Karin Elisabeth Dahlin, Kathia Lavin Gamboa Dejean, Lourival Kiçula, Luiz Fernando Brino Guerra, Mauro Antonio Ré, Mauro Manoel Martins, Natânia do Carmo Oliveira Sequeira, Otávio Lage de Siqueira Filho, Raul Antonio de Paula e Silva, Rubens Naves, Synésio Batista da Costa, Vitor Gonçalo Seravalli

## CONSELHO FISCAL

Audir Queixa Giovanni, Geraldo Zinato, João Carlos Ebert, Mauro Vicente Palandri Arruda, Roberto Moimáz Cardeña, Sérgio Hamilton Angelucci

## SECRETARIA EXECUTIVA

**Administradora Executiva:** Heloisa Helena Silva de Oliveira

**Gerente de Desenvolvimento de Programas**

**e Projetos:** Denise Maria Cesario

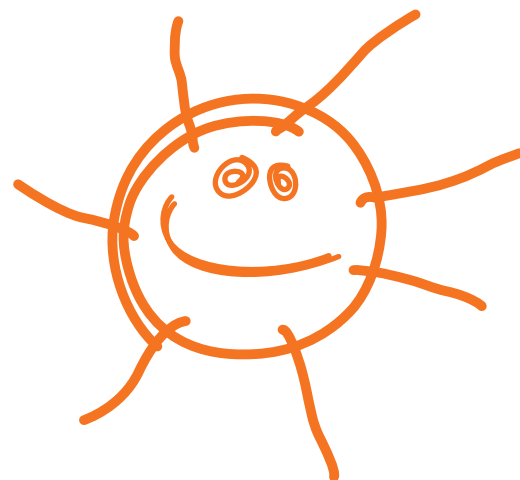
**Gerente de Desenvolvimento Institucional:** Victor

Alcântara da Graça

## PROJETO CRECHE PARA TODAS AS CRIANÇAS

Amélia Bampi

Flavia Ribeiro de Assis



## FICHA TÉCNICA

**Texto:** Tânia Fukelmann Landau e Valdete Tereza da Costa Asevedo

**Edição e Leitura crítica:** Amélia Bampi e Flávia Ribeiro de Assis

**Colaboração:** Denise Maria Cesario, Gislaine Cristina de Carvalho e Victor Alcântara da Graça.

**Fotografia:** As imagens desta publicação foram cedidas pelo CEDOC e pelas creches e escolas de educação infantil dos municípios de São Paulo-SP, Louveira-SP, Rio de Janeiro-RJ, Seropédica-RJ, Itatiaia-RJ, Queimados-RJ e Manaus-AM.

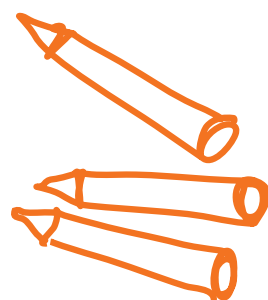
**Revisão de texto:** Adriana Tullio

**Projeto Gráfico e Diagramação:** Renata Manzke

**Impressão:** Nywgraf Editora Gráfica Ltda.

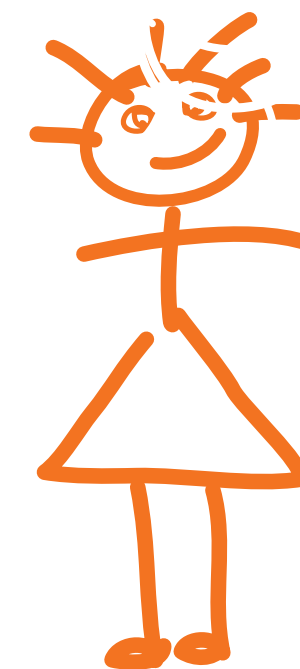
**Tiragem:** 2.000 exemplares

**ISBN:** 978-85-88060-65-4



## INDICE

- 7 Cenário da Educação Infantil no Brasil
- 10 A Fundação Abrinq – Save the Children
- 11 O que é o Projeto Creche para Todas as Crianças?
- 13 Parceria Fundação Abrinq e Procter & Gamble (P&G)
- 14 Por que formação continuada?
- 19 Creche: um lugar para a criança
- 24 Creche e família unidas na educação das crianças
- 27 Promovendo encontros com as famílias
- 29 Prazer em ler e conversar
- 38 Criança brincante, adulto brilhante
- 61 Referências bibliográficas





### CENÁRIO DA EDUCAÇÃO INFANTIL NO BRASIL

As instituições destinadas ao atendimento de crianças na primeira infância vivem, hoje, um processo de transição e mudança de paradigmas. Se, na sua origem, as creches tinham caráter assistencialista, hoje parece haver um maior consenso quanto ao seu papel educacional. A ideia de infância como uma construção social e os avanços na compreensão de como as crianças aprendem e se desenvolvem em seus primeiros anos de vida trazem novas perspectivas para as creches e pré-escolas, e demandam uma reflexão de educadores e das famílias quanto à educação e aos cuidados em espaços coletivos.

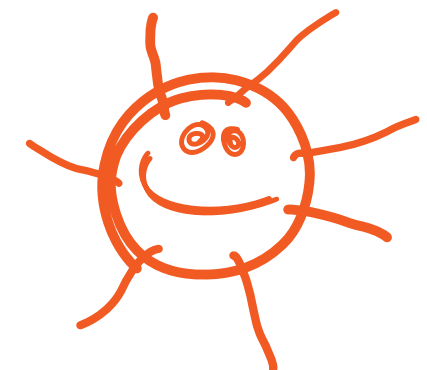
Estamos em fase de construção de um modelo próprio de escola da primeira infância, que considera suas especificidades, linguagens e expressões e não antecipa os conteúdos trabalhados no ensino fundamental. Estamos em um momento em que a infância precisa ser revisitada para poder ser novamente valorizada e assegurada na sociedade.

As crianças, hoje, são atendidas na rede pública pelo sistema direto e indireto de creches. Existe uma variedade enorme no estilo de atendimento ofertado, no entanto, um predomínio forte de práticas domésticas e intuitivas. Apesar dos avanços e dos esforços existentes, o cenário atual ainda é bastante desolador. Muitas creches vivem instaladas em casas adaptadas, possuem poucos recursos financeiros para melhorar suas condições estruturais e chegam a expor as crianças a situações de insegurança e insalubridade. Isso sem falar de um conhecimento sobre o currículo de educação infantil e sobre a importância da brincadeira na infância,

que é praticamente inexistente para muitos educadores que já tiveram, nas suas histórias pessoais e profissionais, uma precária formação de base.

É frequente a queixa de que as famílias delegam os cuidados com os filhos para as escolas, de que estão mais distantes e omissas, e não entendem que esse espaço é educativo. Essas demandas pedem com urgência uma atenção especial para tais aspectos e maiores diálogo e parceria entre família e escola.

*As diretrizes curriculares nacionais para educação infantil* procuram orientar o trabalho nesse segmento. De acordo com as *Diretrizes*, essa é a primeira etapa da educação básica, em caráter institucional não doméstico, e deve reunir um: *conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade em seus aspectos físico, afetivo, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.*



Entende a criança como *sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura.*

As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter, como eixos norteadores, as interações e a brincadeira, e garantir experiências que:

- promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais, que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos da criança;
- favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical;
- possibilitem às crianças experiências de narrativas, de apreciação e interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais orais e escritos.

Alguns desafios ainda precisam ser superados para que as creches desenhem suas propostas pedagógicas e alcancem a qualidade necessária. Dentre eles, podemos considerar a formação continuada dos educadores que nelas

atuam, a adequação dos equipamentos (infraestrutura, materiais, espaços e recursos humanos), o fortalecimento dos vínculos e a participação das famílias e da comunidade.

O **Projeto Creche para Todas as Crianças** vem somar-se a esse movimento da sociedade de consolidação e qualificação do atendimento nas creches. Desde 2007, investe na melhoria dos espaços, na formação continuada dos educadores, na aquisição de livros e brinquedos e na aproximação e orientação às famílias, de modo a garantir ambientes mais adequados e seguros, proporcionando melhores condições para a aprendizagem e o desenvolvimento pleno das crianças, por meio das descobertas, da brincadeira, da criatividade e da imaginação.

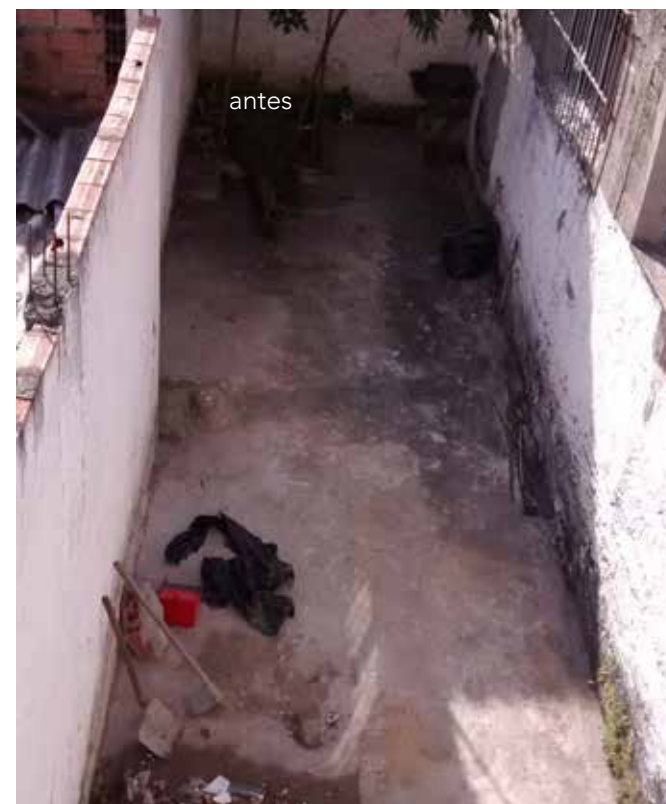
As reformas foram realizadas em comum acordo com as equipes de cada creche beneficiada. Foi nítida a melhoria que trouxeram para o convívio das crianças. Os ambientes mais acolhedores proporcionaram maior conforto, autonomia e segurança para estar na escola, bem como novas possibilidades de interações das crianças e dos adultos no dia a dia. Com espaços mais organizados, ampliados e equipados, as brincadeiras passaram a acontecer de forma mais fluida, segura e, ao mesmo tempo, inspiradora.



A curiosidade das crianças foi despertada com os novos livros, o interesse via-se estampado nos rostos sorridentes e nas falas das crianças como: “Conta outro!” ou “Olha o lobo!”. A leitura mediada pelas professoras fortaleceu os vínculos de cuidado e atenção para com as crianças. As famílias puderam participar e valorizar a leitura na escola e em casa, pois todos tinham um livro para levar, trazer de volta e comentar. Novas conversas surgiam ao redor das histórias e dos livros, foi um novo estímulo à fala e à imaginação de crianças que estão em fase de aquisição das suas primeiras palavras.

Os brinquedos e jogos doados ganharam as prateleiras das salas e foram colocados ao alcance das crianças, para que pudessem exercer o direito à brincadeira e às escolhas. A variedade trouxe desafios de diferentes ordens, desde os cognitivos e motores, como montar um quebra-cabeça e empilhar os blocos de madeira, até os de faz de conta contidos no embalar e no ninar da boneca.

Os momentos ociosos e de espera foram substituídos pela atividade lúdica e investigativa que conquistou uma nova dimensão no dia a dia das crianças da creche. Com tantas novidades, também foi necessário aprender a pedir emprestado, a trocar, a esperar, a negociar para brincar com um brinquedo ou livro que está nas mãos do colega. Também foram necessárias orientações sobre como cuidar e organizar esses materiais para garantir um uso adequado dos mesmos.



# A FUNDAÇÃO ABRINQ – SAVE THE CHILDREN



Criada em 1990, a Fundação Abrinq - Save the Children é uma organização sem fins lucrativos que tem como missão promover a defesa dos direitos e o exercício da cidadania de crianças e adolescentes.

Desde 2010, é representante da Save the Children no Brasil, e com essa parceria foi capaz de potencializar sua ação na proteção dos direitos das crianças e dos adolescentes no país. A organização possui escritórios em São Paulo (SP), Recife (PE) e Petrolina (PE), e os seus programas estão organizados em quatro eixos: educação, emergência, proteção, saúde.

Pautada pela *Convenção Internacional dos Direitos da Criança (ONU, 1989)*, *Constituição Federal Brasileira (1988)* e *Estatuto da Criança e do Adolescente (1990)*, a Fundação tem como estratégias: estímulo e pressão para implementação de ações públicas, fortalecimento de organizações não governamentais e governamentais para prestação de serviços ou defesa de direitos, estímulo à responsabilidade social, articulação política e social na construção e na defesa dos direitos e conhecimento da realidade brasileira quanto aos direitos da criança e do adolescente.

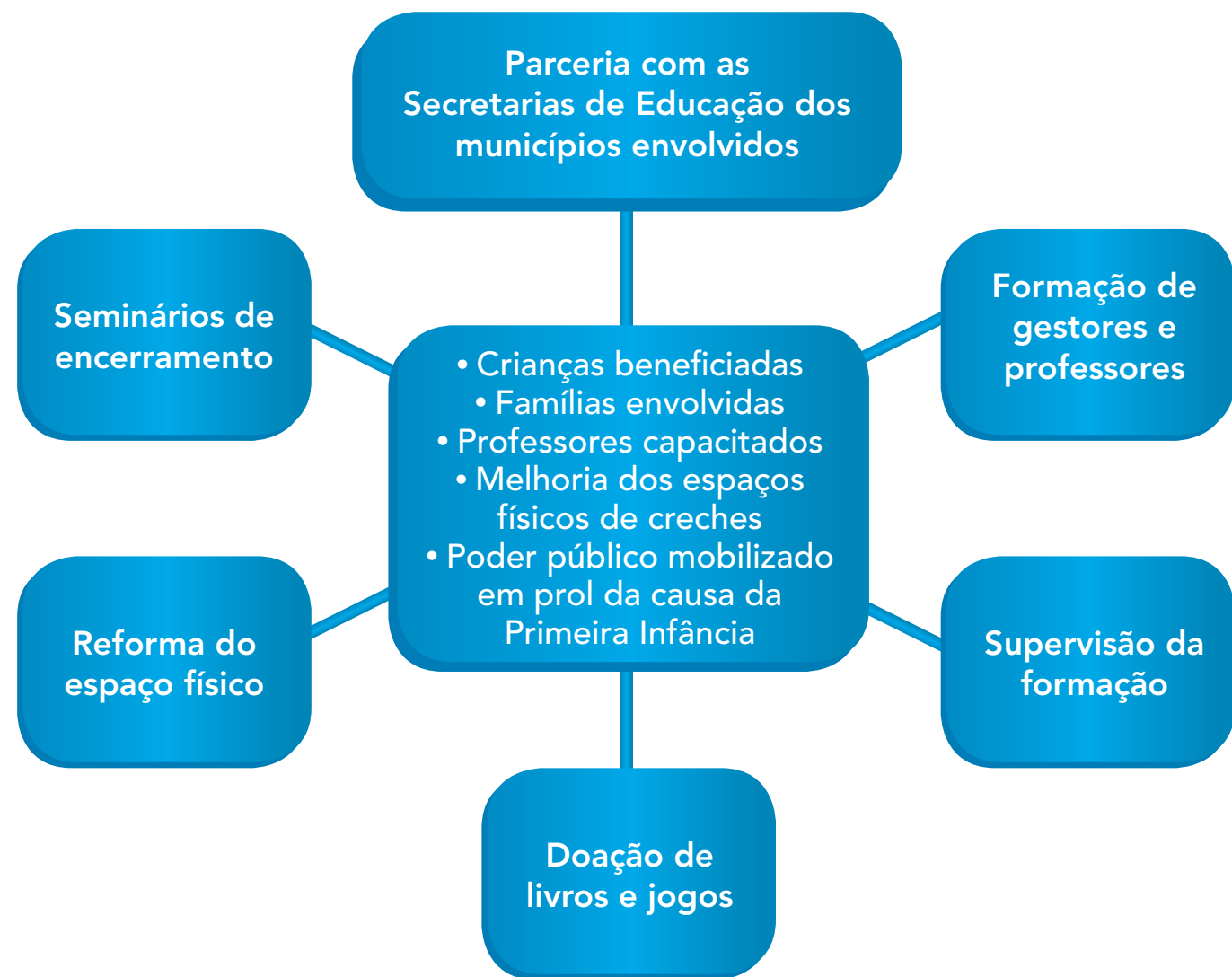
## O QUE É O PROJETO CRECHE PARA TODAS AS CRIANÇAS?

O **Projeto Creche para Todas as Crianças** faz parte do **Programa A Primeira Infância vem Primeiro**, da Fundação Abrinq – Save the Children, e foi lançado em 2007 com o objetivo de contribuir com a ampliação do acesso e a melhoria da qualidade do atendimento em creches, garantindo a educação integral e a atenção aos aspectos de saúde e proteção para crianças de 0 a 6 anos. Considera-se que, para alcançar esse objetivo, torna-se necessário sensibilizar, mobilizar e articular setores estratégicos da sociedade. O Projeto conta com uma rede de articuladores - pessoas físicas ou jurídicas, empresas, ONGs, universidades e outras - que têm como pressuposto desencadear, em suas regiões, ações de sensibilização e mobilização da sociedade, assim como de articulação com empresários e poder público. A rede atualmente é composta por 82 articuladores, em 27 estados.

São diversas as ações realizadas como construções dos Planos Municipais da Primeira Infância (PMPI); capacitação para Conselheiros Tutelares e CMDCA; seminários sobre a Primeira Infância; audiências públicas e demais movimentos relacionados à Primeira Infância.

Uma das metas de trabalho da Fundação Abrinq – Save the Children junto à rede de articuladores do **Projeto Creche para Todas as Crianças** é dar continuidade às ações em prol da construção dos Planos Municipais da Primeira Infância (PMPI). É uma ação de destaque, pois nele são traçadas as diretrizes gerais e os objetivos e metas que pautarão as ações dos municípios em prol do cumprimento dos direitos da criança e do adolescente afirmados pela *Constituição Federal* e pelo *Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)*.





Resultados alcançados (2012 a 2014)

- 10.398 crianças beneficiadas diretamente
- 423 profissionais capacitados diretamente
- 1.684 profissionais indiretamente
- 13 creches reformadas e com adequação de equipamentos
- 44 creches participantes de Encontros de Formação
- 53 escolas de Educação Infantil participantes dos Encontros da Formação
- 3.000 livros e jogos
- 8 Seminários regionais
- 1 Seminário nacional
- 82 articuladores voluntários
- 27 estados participantes
- 40 municípios participantes

SOBRE A PROCTER & GAMBLER

A P&G toca e melhora a vida de 4,4 bilhões de pessoas ao redor do mundo com seu portfólio de marcas confiáveis e de qualidade. As marcas líderes da companhia incluem Pampers®, Ariel®, Always®, Pantene®, Mach3®, Pringles®, Downy®, Iams®, Oral-B®, Duracell®, Olay®, Head & Shoulders®, Wella®, Gillette®, Ace® e Febreze®. A P&G possui operações em 80 países e suas marcas estão disponíveis em mais de 180, ao redor do mundo. Sua missão é oferecer produtos e serviços de qualidade superior, que melhorem a vida dos consumidores no mundo todo, agora e para as gerações futuras.

Em 2012, a Fundação Abrinq - Save the Children inicia a parceria com a P&G, a qual se torna patrocinadora máster do **Projeto Creche para Todas as Crianças**, momento em que este ganha novas demandas, e passa a ser desenvolvido em 8 localidades próximas às unidades de negócio da P&G das seguintes regiões:

- São Paulo-SP (Anchieta)
- São Paulo-SP (CENESP)
- Louveira-SP
- Queimados-RJ
- Itatiaia-RJ
- Seropédica-RJ
- Rio de Janeiro-RJ (Jacarepaguá)
- Manaus-AM



## POR QUE FORMAÇÃO CONTINUADA?

A formação continuada para educadores do **Projeto Creche para Todas as Crianças** surge das necessidades de formação específica para o profissional que atua junto à Educação Infantil. Isso significa oportunizar aos profissionais espaços de aprimoramento, avaliação de suas próprias práticas de forma que haja integração com o seu cotidiano, com o objetivo de que ele tenha plena condição de ofertar uma Educação Infantil de qualidade.

*A formação é necessária não apenas para aprimorar a ação do profissional ou melhorar a prática pedagógica. A formação é direito de todos os professores, é conquista e direito da população, por uma escola pública de qualidade. Podem os processos de formação desencadear mudanças? Sim, se as práticas concretas feitas nas creches, pré-escolas e escolas, e aquilo que sobre elas falam seus profissionais, forem o ponto de partida para as mudanças que se pretende implementar.* (KRAMER, 2005, P. 224)

Acreditamos que, ao dialogar com os educadores, podemos gerar reflexões que resultem na qualificação do atendimento às crianças nos centros de Educação Infantil. Estudar, trocar experiências, refletir sobre o dia a dia e buscar fundamentação teórica que embase a prática são atitudes necessárias para os educadores, uma vez que a natureza da profissão exige processos constantes de aprendizagem.

As mudanças recentes na função desse profissional das creches, que hoje transcende sua ação assistencial, também têm mobilizado o desejo de boa parte deles por compreender melhor seu papel e entender como a criança pequena aprende e se desenvolve em ambientes coletivos. É nesse cenário de transição de uma instituição de cunho assistencialista para uma instituição com caráter educacional que a formação continuada do **Projeto Creche para Todas as Crianças** se fez presente. Aproximar as crianças das histórias, enriquecer a leitura e os momentos de brincadeira, estreitar laços de cuidado e proporcionar vivências mais lúdicas na infância foi o foco deste trabalho.



Uma formação que entende que professores, diretores e coordenadores podem exercer um trabalho de equipe consistente e criativo. A parceria e o convívio com as famílias podem ser mais harmônicos e gerar novas aprendizagens. Juntos e apoiados pela formação, são capazes de rever intervenções, levantar questões, pesquisar e encontrar soluções adequadas a cada realidade.

Ao revisitarem a própria infância, entre rodas e brincadeiras, regados com histórias e livros, os educadores foram convidados para um mergulho no universo infantil que serviu de base para a construção de práticas pedagógicas mais sensíveis e significativas para as crianças.





A emoção das memórias de infância, a alegria vivenciada pelos educadores nas brincadeiras e no encantamento com as histórias criou um clima descontraído, mas, ao mesmo tempo, sério, pois validou a importância dessas atividades para garantia de uma infância e de uma vida mais plena e interessante. Alguns frutos foram colhidos dessa experiência, como os que Lourdes, coordenadora do CEI Verbo Divino relata:

“Depois da formação, mudou muito na parte do brincar. Lá, no nosso CEI, as professoras só cuidavam e às vezes faziam alguns trabalhos, entendiam que a parte do brincar era só em casa, não interagiam com as crianças. Agora, fazem roda, conversam

e tem a hora da história. Ficou muito mais interessante.”

Após um trabalho inicial, de levantamento das demandas, partimos em busca de soluções para as questões encontradas. Os momentos formativos se transformaram em oportunidades para estudar, aprofundar e ampliar conhecimentos, compartilhar Projetos, experiências e alternativas pedagógicas e até ocasiões para lidar com as ansiedades e angústias que emergiam neste processo. Coube aos formadores proporcionar subsídios para o planejamento cotidiano e o embasamento teórico, provocar reflexões e discussões, e oferecer modelos inspiradores de novas práticas.



O percurso formativo foi intenso e repleto de aprendizagens adquiridas pelos educadores no exercício diário com as crianças. Muitas vezes, os professores participam dos encontros de formação à espera de uma “fórmula mágica” para ser aplicada com suas turmas, ou ficam muito preocupados em conferir se o que faziam estava certo ou errado. Se, por um lado, a fórmula não existe, por outro, é preciso oferecer alternativas e promover a autonomia para que esse educador possa adequar suas ações e o que aprendeu ao contexto específico da realidade de cada creche. É preciso escutar e acolher as perguntas dos educadores, que são como diretrizes que norteiam o estudo, a pesquisa e a busca de soluções que possam

ser implantadas em cada CEI. Uma formação conectada com as demandas cotidianas de cada CEI proporciona um modelo formativo que pode ser almejado pelas equipes nos momentos de multiplicação e revisão das pautas e conteúdos.

Buscamos aguçar a escuta e a sensibilidade profissional dos educadores, bem como despertar e ampliar sua disponibilidade pessoal e interna para interagir ludicamente, uma vez que esse perfil é crucial no trato com crianças tão pequenas. Também procuramos levá-los à descoberta do prazer em conhecer, em estudar e buscar fundamentação e maior intencionalidade para suas intervenções.



Para exercer o seu papel, o profissional da Educação Infantil também precisa compreender que as experiências vividas pelas crianças em seus primeiros anos de vida são fundamentais para a constituição da pessoa em seus aspectos cognitivos, sociais e emocionais.

O desenvolvimento pleno, saudável e integral das crianças é estabelecido com

base na qualidade dos relacionamentos que estabelecem com os adultos cuidadores, tanto familiares como professores, e no acesso que podem ter ao universo cultural e de conhecimentos construídos pela humanidade. Portanto, é de suma importância pensar nesses relacionamentos, nas interações e em um currículo da infância que inclui tempo e espaço para brincadeiras, leitura, artes, ciências e demais linguagens.



Com encontros mensais, compostos por representantes de cada unidade, e o objetivo de qualificar e ampliar a escuta dos pais e educadores para a criança, de fortalecer os vínculos e criar contextos mais instigantes de aprendizagem, a formação continuada focalizou as temáticas:

- A parceria família e escola
- Ser criança e ter infância
- A importância da brincadeira
- O prazer em ler, ouvir histórias e conversar

Os professores e os coordenadores, utilizando a metodologia da multiplicação, tinham a

tarefa de disseminar e levar as discussões para suas unidades de origem, para lá continuarem os estudos e desenvolverem projetos cujos conhecimentos pudessem ser revertidos em ações com as crianças e familiares.

Os portfólios serviram de metodologia para organizar, documentar e sistematizar os processos vividos em cada unidade. Todas essas ações culminaram em seminários que ocorreram em todos os municípios onde o Projeto foi desenvolvido, momento em que essas experiências, projetos e conquistas pudessem ser notabilizados e compartilhados com toda a comunidade.

## CRECHE: UM LUGAR PARA A CRIANÇA



Foi a partir da Constituição de 1988, que incluía a creche no sistema educativo, que essa instituição passou a ter oficialmente o cunho educacional e a valorizar a ação para a promoção do desenvolvimento infantil. Apesar dos esforços para implantação de mudanças no interior das creches, ainda hoje a visão assistencialista e higienista influencia significativamente as práticas de atendimento à criança.

As creches atendiam os filhos das famílias de trabalhadores de baixa renda, cuja preocupação inicial era a de garantir-lhes os cuidados mínimos de sobrevivência e um lugar para a guarda segura enquanto seus

pais trabalhavam. Até então, a creche era compreendida como necessidade única de quem precisava trabalhar – destinava-se principalmente aos filhos de famílias desestruturadas, em condições de vulnerabilidade e carência social.

Uma vez encorpados os movimentos feministas, as mães da classe média ingressaram no mercado de trabalho, e, com desejo de ascensão social, queriam seus filhos educados; portanto, passaram, gradativamente, a antecipar a escolaridade dos mesmos matriculando-os nos chamados jardins de infância ou pré-escolas.

Essa é uma das hipóteses para o começo de uma primeira separação entre cuidar e educar: o cuidar ficou para as creches e as populações de baixa renda, e passou a ser relacionado às questões essenciais de sobrevivência, como: alimentar-se, dormir, e manter-se livre de contaminações típicas do contágio por precariedade nas condições de saneamento básico e higiene pessoal. E o educar ficou para a pré-escola e estava mais associado às possibilidades de aprender, conhecer e se manter diferenciado pelo saber.

É fato, as demandas descritas deram origem a dois tipos principais de atendimento institucional para a primeira infância. No primeiro, regem preocupações predominantemente ancoradas nos cuidados físicos e biológicos da criança e, no segundo, notadamente uma ênfase nos aspectos intelectuais, compreendendo, porém, a pedagogia desse segmento, ainda nos moldes já conhecidos do ensino fundamental. O corpo e o pensamento eram vistos separadamente. Pouco se sabia a respeito

da criança pequena, de suas necessidades e de seu modo peculiar de aprender e se desenvolver. Entre as décadas de 40 e 60, após a Segunda Guerra Mundial, a psicologia aprofundou seus estudos sobre o desenvolvimento da criança. As descobertas sobre as consequências da privação de cuidados maternos, no desenvolvimento emocional da criança, influenciaram de modo significativo as práticas institucionais com os pequenos. As escolas passaram a atuar na compensação das carências maternas de afeto e carinho, a professora era nomeada como tia, e orientava também as famílias na conduta com seus filhos.

Ainda é muito recente a ideia de cuidar e educar como dimensões indissociáveis no atendimento à criança nos primeiros anos de vida. Atualmente, sabemos que ambos se entrelaçam no processo de desenvolvimento social, afetivo e cognitivo da criança. O cuidado é visto como inerente ao ser humano, nossa existência pressupõe o vínculo com outros, somos dependentes por natureza.



Uma criança, ao nascer, precisa de um adulto dedicado que se preocupe com ela, que reconheça e interprete suas necessidades, que compreenda suas múltiplas maneiras de expressão, que garanta tempo e espaço para ela brincar, ofereça aconchego e acolhimento e siga proporcionando-lhe estímulos e condições ambientais e vinculares favoráveis para ela se desenvolver. Ou seja, a criança precisa de cuidados ajustados às suas necessidades físicas, afetivas, cognitivas e sociais. O cuidado não é um ato mecânico, não se restringe a trocar fraldas, dar banho e alimentar. O cuidado pressupõe afeto, confiança, garantia de integridade física, mas também incentivo e escuta para a curiosidade e a criatividade da criança.



Os primeiros anos de vida são importantíssimos para o desenvolvimento e envolvem inúmeras aprendizagens. É nessa fase da vida que a criança cria seus alicerces, desenvolve sua identidade pessoal e as habilidades fundamentais à sobrevivência, como ficar de pé, caminhar e falar.

Hoje é sabido que crianças e bebês precisam muito das referências da família, mas também podem se beneficiar das trocas estabelecidas com outros, possuem capacidade para ampliação de laços afetivos e de convívio em espaços coletivos.

O ambiente das creches precisa ser pensado e planejado para acolher as crianças e suas famílias, pois nesse segmento da educação não é possível pensar em ações educativas saudáveis que não estabeleçam diálogos com todos os envolvidos nos percursos de vida criança.

A LDB, a Constituição e o ECA situam a escola de educação infantil como um direito da criança e uma opção das famílias. Fato este que coloca a criança no centro da ação educativa das creches e como um cidadão que deve ter seus direitos assegurados pelo estado, famílias e sociedade.

Portanto, ir para a escola desde a mais tenra idade não é mais um direito e uma prioridade dos filhos das mães trabalhadoras, mas sim um direito que todas as crianças possuem de ter uma educação de qualidade e um local seguro e interessante para crescer e se desenvolver.

Entender a escola como lócus de desenvolvimento infantil traz uma nova lente para educadores e famílias. Ambos nutrem expectativas em relação ao outro que, muitas vezes, são contraditórias. Algumas situações demandam um bom diálogo e exigem uma dose de trabalho e disponibilidade para esclarecer à comunidade a função educativa

da creche, para trocar opiniões, negociar e buscar soluções conjuntas e inovadoras para este atual formato de atendimento às crianças. As ações de formação proporcionaram uma reflexão importante na direção da parceria família-escola e direcionaram o olhar de todos os envolvidos para a criança e suas necessidades.



Na formação com os educadores, atualizamos algumas ideias e buscamos:

- conhecer o processo e as transformações sócio-históricas das famílias no Brasil, e suas implicações para o atendimento de crianças em instituições coletivas.
- tomar ciência das próprias representações, de histórias familiares e concepções sobre família.
- potencializar a escuta e o diálogo.
- analisar os desafios vividos na relação com as famílias no cotidiano da escola.
- formular estratégias de ação para fortalecer a parceria com as famílias (reuniões, agendas, eventos, comunicados, período de ingresso e adaptação da criança na escola).
- refletir sobre a qualidade da comunicação com as famílias.

A participação democrática das famílias é um processo lento a ser trilhado no dia a dia, com o empenho de todos, família, escola e comunidade. É necessário ir além da colaboração das famílias, sendo preciso criar um sentimento de pertencimento a este local que recebe seus filhos. O espaço da instituição deve ser um espaço de vida e interação entre todos os seus agentes: famílias, funcionários, professores e crianças. A iniciativa da escola e o convite para o diálogo podem ser um início dessa construção.

É importante ressaltar aqui que entendemos que a creche não substitui as famílias e suas ações, pois desempenham papéis diferenciados. Ambas podem cuidar de modo complementar e são corresponsáveis na educação das crianças.



# CRECHE E FAMÍLIA UNIDAS NA EDUCAÇÃO DAS CRIANÇAS

Ao perguntarmos para algumas pessoas o que pensam sobre o ingresso de uma criança pequena nas creches, é provável nos depararmos com as mais diversas respostas: as crianças precisam frequentar as creches porque os pais trabalham; as mulheres trabalham e não podem mais cuidar dos filhos como antigamente; a creche tem que ser uma extensão da casa; na creche, ele vai fazer amigos; em casa, os pequenos não saem da televisão; tem mãe que não quer cuidar dos filhos e larga lá; na creche tem gente para brincar com as crianças; lá ele vai comer bem; melhor na creche do que na rua; quando entra na creche, fica doente; na creche, não dá para cuidar direito porque tem muita criança.

Esses comentários são alguns exemplos que ilustram o modo como diversas pessoas

podem compreender a entrada de uma criança pequena na creche. Cada um de nós traz consigo ideias e concepções sobre o que é ser criança, sobre como elas devem ser educadas e cuidadas mesmo que nunca tenhamos parado para pensar deliberadamente sobre o assunto. Assim também ocorre com os pais e professores.

Para entender e melhorar a parceria com as famílias, um dos primeiros passos dos nossos encontros de formação foi reconhecer algumas ideias que permeiam essas relações. Levantamos questões sobre alguns preconceitos e sobre as diferentes concepções que temos de família, vimos como é difícil e delicado penetrar na intimidade e particularidade familiar de cada um.



Quando uma criança entra na escola, ela vem com o “pacote inteiro” – traz consigo uma história, uma família e um modo peculiar de ser, viver e se relacionar, que vem ancorado na sua experiência pessoal e doméstica, pois cada indivíduo e cada família é de um jeito, tem seus hábitos, tradições e costumes.

De modo geral, a estrutura familiar se alterou. A rede geracional (avós, tios, vizinhos...) está enfraquecida, o número de membros que a compõe diminuiu, evidenciando-se, assim, uma ausência de modelos fornecidos e transmitidos por essa rede de proteção e sustentação ampliada. Os espaços de troca

e convívio tornaram-se escassos, e os pais não sabem muito com quem podem contar em caso de necessidade, quando precisam de apoio ou de algum esclarecimento para suas dúvidas e incertezas. A correria do dia a dia invadiu as casas e transformou a relação com os filhos.

A escola, hoje, tornou-se esse espaço potencial de troca e crescimento mútuo, onde os pais podem se encontrar para conversar e refletir sobre a infância de seus filhos. Neste sentido, ela precisa se adequar e criar um ambiente acolhedor, que inspire e propague confiança.



Mas, como fazer isso? Em tempos de transição e de mudanças, muitas respostas para questões inéditas que surgem na relação das famílias com a escola ainda estão por vir. Os educadores da primeira infância vivem, hoje, um verdadeiro desafio, e precisam lidar com os conflitos que emergem desse cenário.

A escola não pode ficar alheia a esse processo, também precisa rever suas ações, valores e propósitos para buscar formas mais efetivas de estabelecer a parceria e a interlocução com os adultos responsáveis pelas crianças. Algumas dificuldades nesse percurso são explicitadas pelas educadoras:

- Muitos pais não participam das reuniões.
- Muitos “empurram” os cuidados para a escola – (Por exemplo: levam a criança suja e despenteada para escola, e pedem que esses cuidados fiquem a cargo dos funcionários de lá.).
- Os pais não querem saber nada sobre o que o filho faz.
- Os pais deixam a criança o dia todo em frente à TV.

- Eles não valorizam nem reconhecem o trabalho dos professores.
- Há pais que não respeitam as regras da escola.
- Muitos só trazem a criança por causa do programa “Leve leite”.
- Há pais que não entendem que a creche não é só para cuidar, mas sim um lugar onde a criança brinca e aprende.
- Muitos pais não olham a agenda.

O diálogo vem crescendo, embora frequentemente pautado por um ideal de família. A família real, ali presente, fica pouco compreendida. Prevalecem as relações de cobranças mútuas em detrimento da cooperação e da complementariedade nos cuidados e na educação das crianças.

Esses são resquícios de uma educação de base assistencialista e higienista, que tomavam as creches como locais destinados à guarda das crianças filhas de trabalhadores. Suprir a ausência dos pais e cuidar para que as crianças estivessem limpas e alimentadas era seu principal foco.



## PROMOVENDO ENCONTROS COM AS FAMÍLIAS



O **Projeto Crescer Aprendendo**, da United Way, soma esforços no trabalho com as famílias, oportunizando que cada unidade de educação infantil tenha subsídios técnicos e financeiros para a realização de encontros com as famílias. Foram realizadas oficinas, palestras e conversas. Todas essas ações buscaram promover uma maior compreensão sobre a criança, sobre o papel da escola e a corresponsabilidade nos cuidados, na promoção e no estímulo à educação e ao desenvolvimento da criança.

O **Projeto Crescer Aprendendo** dissemina suas diretrizes por meio de sua publicação: *Guia para o Trabalho com as Famílias*, que é distribuído e estudado por pais e educadores, apresentando orientações básicas sobre o desenvolvimento e dicas para cuidar e educar as crianças.

Tendo em mente a importância da qualidade na comunicação da escola com as famílias,

adentramos no estudo, na reflexão e na elaboração de alguns instrumentais de aproximação. Como a escola pode apoiar os pais? Como estabelecer e estreitar os vínculos? Quais os meios que a escola possui para isso? Quais os detalhes que podem afastar ou acirrar os conflitos ao invés de aproximar e fortalecer a relação com as famílias?

Analisamos bilhetes, o uso da agenda, o uso de murais e imagens para os pais dos trabalhos da escola, as dinâmicas de reuniões e os processos de acolhimento na entrada e da saída da escola, e até mesmo como a família é recebida e informada no momento das matrículas. Pensamos em formas mais dialogadas e positivas de fomentar o desejo e a alegria dos pais ao acompanharem o crescimento, o desenvolvimento, as descobertas e conquistas dos filhos na escola.


Pensando nesses estreitamento e apoio familiar, e em fortalecer a rede de cuidados da criança, buscamos:


- refletir sobre o papel da creche e das escolas no desenvolvimento das crianças em sua primeira infância.
- refletir sobre a responsabilidade familiar no que se refere à educação e aos cuidados com os filhos.
- compreender o significado de ser criança e ter infância.

- fortalecer e estreitar o vínculo entre pais e educadores.
- incentivar a participação familiar no dia a dia da escola.
- sensibilizá-los para a importância dos laços afetivos.
- esclarecer questões pertinentes ao desenvolvimento infantil.
- despertar o prazer de estar e brincar com os filhos.
- incentivar a leitura e a narrativa de histórias para os filhos.



## HISTÓRIAS SÃO ALIMENTOS DA VIDA

*Quem tem medo do lobo mau, lobo mau, lobo mau? Ah hahá há há....*   
TRECHO DA CANTIGA DE BRAGUINHA PARA A GRAVAÇÃO DA HISTÓRIA OS TRÊS PORQUINHOS.

*Quem quer casar com a senhora baratinha que tem fita no cabelo e dinheiro na caixinha?*   
TRECHO DA CANTIGA DE BRAGUINHA PARA A GRAVAÇÃO DA HISTÓRIA O CASAMENTO DA DONA BARATINHA.

Já escutou uma destas canções? Se a resposta é sim, provavelmente deve se lembrar delas e das histórias às quais pertencem. Canções como essas são inesquecíveis e ficam gravadas na memória afetiva de quem teve a oportunidade de se emocionar e desfrutar de bons momentos escutando narrativas entoadas pela boca dos pais e professores.

As histórias, principalmente os contos maravilhosos, têm o poder de nos transportar para um universo rico e vasto do imaginário. Elas ficam guardadas conosco como um tesouro à espera de ser redescoberto em outros tempos, outros lugares. Ficam ali, a postos para nos lembrar de que é possível ter a esperteza da raposa, a magia das fadas, a coragem dos cavaleiros, e que podemos nos nutrir de esperança e perseverança para fazer o bem triunfar sobre o mau.

Os contos maravilhosos, as lendas e os mitos da tradição oral de muitos povos são histórias que superaram o tempo. Carregam elementos diversos das múltiplas culturas e uma sabedoria milenar. Contar histórias para as crianças é oportunizar momentos de imaginação e conexão com nosso vasto universo cultural, repleto de significados.



Para Regina Machado (2004):

*A escuta e a leitura de contos tradicionais pode nutrir, despertar, valorizar e exercitar o contato com imagens internas, abrindo possibilidades para que as questões das crianças estejam enraizadas no sentido de perguntar. Sua experiência pessoal de valores humanos fundamentais pode ser exercitada no contato com os contos tradicionais. Neles, cada narrativa expressa um caminho, um percurso de desenvolvimento, envolvendo necessidades, questões e conquistas: os desafios, provas e obstáculos permeiam as ações de heróis e heroínas, em que valores humanos como coragem, liberdade, beleza, determinação e justiça subjuguam o medo, a inveja, a covardia, a traição. Por meio de várias situações humanas - desafios, exposição ao perigo, ao ridículo, ao fracasso, encontro do amor, enigmas, encantamento, humor-, os contos produzem efeito em diferentes níveis de apreensão: podem intrigar, fazer pensar, trazer descobertas, perguntas, questões, provocar o riso, o susto, o maravilhamento.*

*Nessa experiência, compartilhada dentro do processo de ensino-aprendizagem, é possível exercer o espírito crítico para olhar com outros olhos para o nosso mundo de hoje, a nossa sociedade, a nossa cultura, e as nossas funções como cidadãos.*

Desde os tempos mais antigos, diversos povos estiveram interessados pela arte de contar histórias. O ato de narrar histórias era também um ato pedagógico, quando ludicidade e pedagogia ainda caminhavam unidas. Sentados ao redor da fogueira,

iluminados pela luz das estrelas ou mesmo sob o clarão das lamparinas, crianças, jovens e companheiros da comunidade escutavam um contador de histórias. Cabia-lhe o atributo de transmitir, pelas histórias e causos, a marca do pensamento construído de muitas gerações.

*A literatura tradicional apresenta esta particularidade: sendo diversa em cada país, é a mesma no mundo todo. É que a mesma experiência humana sofre transformações regionais, sem por isso deixar de ser igual nos seus impulsos e idêntica nos seus resultados. Se cada um conhecer bem a herança tradicional do seu povo, é certo que se admirará com a semelhança que encontra, confrontando-a com a dos outros povos. ... Esse manancial profundo que a todos nos alimenta não constitui apenas uma riqueza, mas um milagre, quando se pensa na facilidade que daí advém para as relações humanas. É um humanismo básico, uma linguagem comum, um elo entre as raças e entre os séculos. (CECÍLIA MEIRELLES, 1979)*



## JEITOS DE CONTAR

O círculo formado pelo contador de histórias, pelos ouvintes e pela palavra narrada, nos conecta à nossa essência lúdica. Assim que colocado para funcionar, esse círculo se transforma numa roda, adquire movimento e propicia um encontro entre todos os participantes. Elevam-se nela nossos laços de afetividade e sabedoria.

As proposições acima já seriam justificativas suficientes para garantir que os professores se tornassem bons contadores de histórias e soubessem como apresentar os livros para as crianças, mesmo tão novas, como as que frequentam as creches e as escolas de educação infantil.

Inauguramos essa fase das formações entrando em contato com nossas próprias histórias, pois todos temos algo para contar. Somos constituídos por narrativas. Ao nascer, ganhamos um nome e nos tornamos o início de uma nova história.

🎵 **“MENINA ME DIZ TEU NOME  
QUE EU TAMBÉM LHE DIGO O  
MEU EU ME CHAMO CHITA FINA  
DAQUELE VESTIDO SEU”** 🎵  
(quadrinha popular)

O primeiro passo para reconhecer a importância das histórias na vida das crianças consiste na busca do significado pessoal e na descoberta do próprio gosto pela leitura. Para contar histórias, é preciso se portar diante delas com a seriedade de quem brinca com as palavras, os enredos, as imagens e os

sentidos. Contar histórias de que gostamos, ou com que nos empolgamos, que nos tocam intimamente, é meio caminho andado para o contágio e para que sejam bem narradas.

Escolher as palavras, guardar a beleza de algumas expressões, ser fiel aos enredos e criar seu próprio modo de entoar são alguns dos aspectos relevantes com os quais o contador de histórias deve se ocupar.

Francisco Marques, o Chico dos Bonecos, conta histórias profissionalmente há mais de 20 anos. Utiliza bonecos, canções e outros apetrechos para comunicar o texto. Numa entrevista para folha on-line, publicada a 30 de setembro de 2003, disse que contar histórias é um ritual “em que os ouvintes se envolvem não apenas com o rumo dos acontecimentos, mas também com o rumor das palavras”.  
(<http://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u573.shtml>).





Um bom texto contado de boca ou com o livro nas mãos já é o suficiente para entreter as crianças, mas também podemos construir um clima especial, criar uma paisagem e aquecer o ritual. Podemos nos valer de alguns recursos para a produção oral:

1. modular e entoar a voz de modo diferente para cada personagem;
2. fazer pausas, silêncios e alternar ritmos de acordo com o enredo;
3. gesticular;
4. fazer expressões faciais;
5. usar fantoches e bonecos;
6. usar objetos que simbolizam personagens e cenas;
7. montar tendas;
8. elaborar cenários;
9. contar histórias em lugares inusitados, como debaixo de uma árvore;
10. emitir sons com o corpo ou produzir a sonoplastia com apetrechos e instrumentos.

Para escolher objetos adequados, Regina Machado (2004) diz que devemos olhar para eles com olhos de criança, com sua eficiência poética... "A pessoa precisa recordar. Lembrar de que, quando era criança, bem pequena, sabia conversar com a realidade, poeticamente". Quando uma criança brinca de faz de conta, não escolhe aleatoriamente os objetos de sua interpretação. Ela abstrai sua utilidade imediata e busca a qualidade daquele objeto. É desse modo que um toco de madeira pode se transformar numa espada ou no microfone da cantora. Um pano enrolado na cintura pode ser uma saia, no pescoço uma capa de herói e, no colo que carrega o bebê, o seu cobertor.

O ensaio de histórias com as educadoras é sempre um momento desafiante e muito divertido. Nessa hora, costumam perceber o quanto é necessário um preparo anterior para narrar, mesmo quando possuem o suporte dos livros.



## ABRINDO PORTAS PARA O MUNDO DA LEITURA

As histórias da tradição oral, as brincadeiras como parlendas e trava-línguas e as brincadeiras cantadas, quando apresentadas às crianças, podem lhes servir como porta de entrada para o mundo das letras e dos livros.

Algumas cantigas e brincadeiras cantadas são verdadeiras histórias como a "Rosa juvenil", a "História da serpente" e "Atirei o pau no gato". Com ritmo e a melodia possuem um texto e podem encantar as crianças.

🎵 **"ESSA É A HISTÓRIA DA SERPENTE QUE DESCEU DO MORRO PARA PROCURAR UM PEDAÇO DO SEU RABO E VOCÊ É, E VOCÊ É, UM PEDAÇO DO SEU RABAAÃO!"** 🎵

Hoje, literatura oral e escrita possuem intercâmbio. Muitos textos de tradição falada foram registrados por diversos autores e podem ser acessados e encontrados nos livros.



*"O gosto de contar é idêntico ao de escrever – e os primeiros narradores são os antepassados anônimos de todos os escritores. O gosto de ouvir é como o gosto de ler. Assim, as bibliotecas, antes de serem estas infinitas estantes, com as vozes presas dentro dos livros, foram vivas e humanas, rumorosas, com gestos, canções, danças entremeadas às narrativas."*

(CECÍLIA MEIRELES)

A escola pode proporcionar as duas formas de contato, a oral e a escrita, no entanto uma experiência não substitui a outra. Como explica o dito popular: quem conta um conto aumenta um ponto. Quando contamos as histórias de boca em boca, sempre damos um toque pessoal, mudamos palavras e até mesmo episódios, nossos olhos focam na direção dos ouvintes e completamos o texto com gestos e expressões. Ninguém reconta do mesmo jeito a mesma história.

Ao ler, somos fiéis ao vocabulário e aos episódios do texto do autor, nossos olhos correm pelas linhas escritas e informam sobre a direção do texto, mostram que existe algo representado naquelas marcas gráficas que se mantêm iguais, independente de quem lê. O material escrito contido nos livros e em outros portadores precisa fazer parte do cotidiano das crianças. Quando a criança ainda não sabe ler, o adulto lhe empresta sua competência e lê para ela.

## LIVROS, LIVROS E MAIS LIVROS

Os livros devem ser selecionados com antecedência, o professor precisa conhecer o material que vai disponibilizar para as crianças para saber se é adequado e se o tema pode interessar a ela.

Quando conhece os livros, pode dar dicas que lhe despertem a curiosidade, como: este livro é para quem gosta de histórias engraçadas, este outro tem um monstro muito feio, e neste vai aparecer uma fada que transforma uma abóbora em carruagem. Também pode anunciar que está levando um livro do mesmo autor de outro de que já gostaram. Desse modo, ajuda a criança a desenvolver critérios de escolha e apreciação.

Além dos contos, o professor também pode apresentar poesias, quadrinhas, piadas, adivinhações e, assim, aproximar as crianças do nosso vasto universo literário.

Escutar mais de uma vez a mesma história em épocas diferentes, ao contrário do que podemos pensar, não é tedioso e repetitivo. Cada novo encontro com a narrativa permite diferentes leituras, descobertas e aprofundamentos. Um detalhe que passou despercebido naquele momento, pode ganhar significado noutra ocasião. É comum escutar as crianças pedindo quando se sentem tocadas pela história: "Conta outra vez!" ou "Hoje pode ser outra história de lobo?".

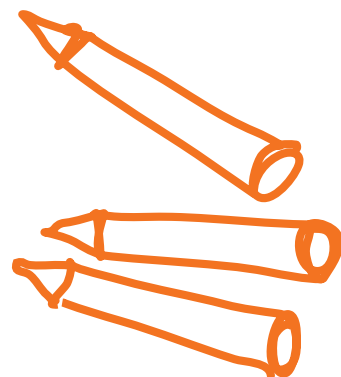
Alguns educadores têm receio de deixar as crianças manusearem os livros, pois temem que possam estragá-los. No entanto, ao tê-los em mãos, elas experimentam e reproduzem

comportamentos leitores observados e presenciados no ato dos adultos. Criam familiaridade com os livros e com o mundo da escrita. Quando ensinadas, logo aprendem a cuidar dos livros e, desde muito cedo, encantam-se por eles.

Até mesmo os bebês podem segurá-los em suas mãos. Muitos livros já são editados pensando nesse público mirim. Possuem capas reforçadas, muitas imagens e um tamanho que cabe nas mãos dos pequenos leitores.

Ao contar histórias para eles, o adulto pode intercalar a fala com gestos, cantar, fazer sons, apontar as figuras, sentar-se ao lado e ir adequando a oralidade para, gradativamente, aproximá-los do texto escrito.

O dia a dia das crianças na escola, quando permeado pelas cantigas, livros, histórias e oportunidades para conversar, brincar e interagir com adultos e crianças, torna-se mais rico e interessante. O ambiente da escola permite muitas alternativas; para isso, é necessário planejar essa rotina e envolver toda a equipe. É o que nos conta Ives de Sousa (coordenadora pedagógica) da EMEF José Odair Montelatto / Louveira-SP.



Toda sexta-feira acontece a hora da história, que chamamos de "Chá das dez". Eu fiz questão de envolver funcionários da escola nessas apresentações. Participaram: diretora, monitoras, agente de apoio, inspetoras, funcionárias da limpeza e coordenação.

O primeiro dia foi maravilhoso! Todas se envolveram muito, as educadoras contaram histórias para todas as crianças e até "perderam a vergonha".

Ficou combinado também que cada "contação" será iniciada com uma música. As professoras estão envolvidíssimas, até mesmo aquelas que estavam com certo receio. As crianças estão amando!

Essa rotina deve prever momentos diários ao longo da semana, que intercalem narrativas orais, leitura, escolhas individuais, manuseio dos livros e uma boa conversa sobre os interesses e curiosidades despertados nessa aproximação com a literatura infantil.

As famílias podem ser envolvidas nesse percurso quando convidadas a contarem histórias, e quando os filhos levam os livros para casa. Essa prática da biblioteca circulante carrega a leitura para dentro das casas e fortalece os laços entre pais, filhos e educadores.

"Eu chego cansado do trabalho, mas meu filho não me deixa esquecer que quarta-feira é dia do livrinho da escola. Eu deito com ele, e ele me conta direitinho, depois tem que guardar o livro na sacolinha que ele pintou" – depoimento de um pai.

## DO "CONVERSÊ" PARA A RODA DE CONVERSA

Os bebês aprendem a falar na interação com os adultos cuidadores. Eles interpretam gestos, compreendem entonações, imitam expressões e negociam significados. Pouco a pouco, apropriam-se das palavras e discursos. A comunicação cotidiana é investida de afeto na hora do banho, das trocas e da alimentação, da brincadeira com um adulto atento que olha em seus olhos e escuta e interpreta suas manifestações são fundamentais nesse processo de construção de sentidos e narrativas com os bebês e as crianças pequenas. Alguns momentos de atenção individualizada são fundamentais.

Uma fala afetiva não precisa ser "infantilizada", cheia de diminutivos e com muitas variações de tom. O tom suave e harmonioso confere segurança e tranquilidade para a criança. As pausas para as reações, balbucios e respostas devem ser respeitadas neste diálogo com quem ainda está adquirindo essa capacidade de falar.

As brincadeiras e cantigas são modos lúdicos e interessantes de introduzir as crianças no universo da literatura oral, e a auxiliam no desenvolvimento da fala.

♪ "SE ESSA RUA,  
SE ESSA RUA FOSSE MINHA  
EU MANDAVA, EU MANDAVA  
LADRILHAR,  
COM PEDRINHAS, COM PEDRINHAS DE  
BRILHANTE,  
PARA O MEU, PARA O MEU  
AMOR PASSAR." ♪



Para os maiores, a roda de conversa diária é um bom exercício de comunicação. Sentar na roda, ficar atento, falar um de cada vez, escutar o colega são atitudes aprendidas no dia a dia. Para conversar, é preciso desenvolver essas atitudes e isso ocorre gradativamente e com a mediação do professor. No início, ele centraliza mais a conversa, escuta o que uma criança diz, repete para garantir que o grupo escutou, organiza a ordem de quem vai falar. Aceita quem prefere o silêncio. Aos poucos e à medida que percebe avanços, pode deixar que as crianças se dirijam mais diretamente umas às outras.

As rodas de conversa devem ser planejadas e com alguma intenção, pois podem proporcionar experiências de comunicação diferenciadas. Nessas rodas, o professor pode levar algo que seja um disparador do diálogo, como um livro, uma novidade, uma conquista a ser compartilhada, uma brincadeira para aprender, uma notícia, um tema de interesse, uma figura ou uma questão do grupo para

ser discutida. O importante é garantir uma boa escuta, onde todos possam falar, opinar, concordar e discordar. A roda é um belo exercício de democracia. As falas precisam ser acolhidas, validadas e respeitadas. A roda é tanto melhor quanto mais genuíno for o interesse do professor pelo que a criança tem a dizer. Ele ajuda a criança a construir sentidos para as suas narrativas.

Algumas perguntas ajudam as crianças a completarem, a elucidarem suas frases e ideias e a desenvolverem o seu pensamento, como quando uma criança diz:

- Nenê chorou.

A professora pode perguntar quem é o nenê, onde ele estava, por que ele chorou, o que o fez parar de chorar.

Por volta dos 3/4 anos, é comum um assunto puxar outro. Uma criança diz que viu um carro vermelho e outra lembra que foi passear, a terceira conta que estava no parque e tomou sorvete. Não é de ficar surpreendido se

uma quarta criança disser que ficou gripada, provavelmente associou o sorvete gelado à sua gripe.

O professor pode passar instruções e orientações em roda, mas deve tomar cuidado para não se ater somente a isso, ele não pode ser o único que fala, a palavra pode navegar como viajante na boca de cada um. O professor estimula o diálogo, instiga o assunto estabelecendo pontes e relações entre o que cada criança diz.

Iniciar a roda com um ritual, uma cantiga, uma brincadeira são modos lúdicos de introduzir essa atividade na rotina. A frequência diária cria o hábito e permite um aprimoramento constante da participação. Retomar e relembrar o que fizeram em um passeio, durante o parque ou na hora dos cantos diversificados são conversas interessantes e estimulam a memória, a organização dos conhecimentos adquiridos nessas experiências e o senso coletivo.

Embora fundamental, a roda não é o único momento de conversa com as crianças e entre elas no dia a dia. O diálogo na hora das brincadeiras, do lanche, do desenho, da leitura, da transição de um espaço para o outro pode e deve fluir com naturalidade, pois é quando trocam ideias, fatos e questões entre si que as crianças aprendem, aprendem umas com as outras nas situações de interação.

É sempre bom conversar com vários adultos que circulam no ambiente escolar, dar bom dia para a cozinheira, falar com alguém que veio fazer alguma arrumação, conhecer uma visita.

A brincadeira de faz de conta também é um momento privilegiado para as trocas, diálogos e conversas mediadas pela ludicidade, criatividade e imaginação. Nessas brincadeiras simbólicas, a criança desenvolve sua capacidade representativa e narrativa.

Vamos lembrar que a fala é um modo de expressão que vem acompanhado por gestos, olhares, ritmos e entonações que também comunicam, principalmente entre os pequenos. Uma criança tem inúmeros modos de se expressar, possui mil linguagens para ser, compreender e estar no mundo. Essas linguagens devem habitar os espaços da escola, tornando-os espaços de vida e socialização. Um ambiente rico de atividades expressivas incentivará a fala das crianças.



## É BRINCANDO QUE SE APRENDE

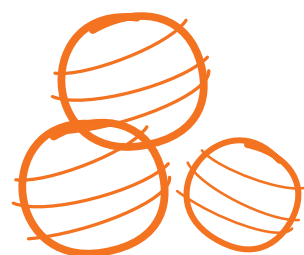
*“Quem brinca sabe que a alegria se encontra precisamente no desafio. É brincando que a gente se educa e aprende”.* (RUBEM ALVES)

O que é mesmo o brincar infantil? É um instrumento de expressão e desenvolvimento da criança; expressão cultural; fonte de aprendizado; transmissão de saberes, enfim, uma fonte de prazer. O brincar constitui uma das atividades de maior relevância na educação infantil, pois promove o desenvolvimento físico e cognitivo, possibilitando a aquisição de novas aprendizagens. Através do lúdico, a criança é conduzida a um processo de formação do comportamento baseado em atitudes individuais ou coletivas, tornando uma grande prática de socialização, de apropriação de conhecimentos, de construção da personalidade, da inteligência e também na conquista de uma nova visão de mundo. Com as brincadeiras, a criança consegue se relacionar com o ambiente ao qual está inserida, explorando-o de diferentes maneiras, criando oportunidades de novos saberes, sendo ousada ao fazer suas descobertas, além de adquirir novas informações. O brincar auxilia também a criança na concentração, na observação, na percepção, enfim, na aquisição de competências e habilidades que facilitam suas interações, suas relações interpessoais

e sua maneira de lidar com as situações desafiadoras do cotidiano. Nas brincadeiras, a criança adquire autonomia, faz transparecer sua singularidade e seu modo de interpretar o mundo. Mais que uma simples atividade, o brincar é um direito da criança, e este direito está intimamente relacionado à promoção de seu desenvolvimento pessoal e à exploração do universo infantil. O brincar constitui a primeira infância e é uma necessidade de toda criança. A brincadeira precisa ser entendida como algo essencial na educação infantil e na infância propriamente dita, mas, antes, o conceito de brincar precisa ser mais bem compreendido para então ser colocado em prática. É preciso saber que brincadeira é coisa séria. Segundo Angotti:

*Superar a concepção de que brincadeira não é coisa séria ou necessária para as crianças em sua etapa de viver, a primeira infância coloca-se como um fator de superação cultural para que políticas, práticas e formação de professores possam estar em sintonia.*

(ANGOTTI, 2009, P. 140)



Através das falas de adultos e principalmente de pais cujo filho frequenta a educação infantil, e que desconhecem a importância do brincar, nota-se que a brincadeira é vista como um ato qualquer, como se não tivesse relação com as demais esferas do conhecimento, do desenvolvimento infantil. Falas semelhantes: “Meu filho vai à escola somente para brincar” ou então, “Não se faz nada naquela escola, somente brincam o tempo todo!”; são ouvidas muitas vezes. Diante dos estudos realizados por muitos teóricos a respeito da brincadeira, surge a questão: que mal tem em brincar? Muito pelo contrário, não existe mal algum, mas, benefícios em uma infância bem vivida, que sugere a presença de muitas brincadeiras. A superação de que a brincadeira não interfere em nada na vida da criança precisa ser desmistificada e apresentada como algo que influencia em todo o processo educacional e que ela já é o começo para que o cognitivo seja despertado, o físico alinhado à postura de futuras necessidades corporais e uma infinidade de benefícios relacionados ao “simples” ato de brincar. É ainda Angotti quem nos afirma:

*Que se explore como atividade fundamental o brincar, atividade natural e específica na criança em seu processo de compor-se, inserir-se, elaborar a si e aos seus conhecimentos, que favorece a estruturação de valores, princípios e comportamentos individuais e coletivos. O brincar significa enxergar as crianças com atenção maior em suas especificidades e singularidades, garantindo o direito de ser e viver intensamente a infância.*

(ANGOTTI, 2009, P.137)

Quando as crianças estão em momentos de brincadeiras livres ou dirigidas, o fazer pedagógico está presente, pois, em cada situação, o professor observa, registra, interfere, estimula, analisa, enfim, está atento para transformar aquele momento em aprendizagem, em novas conquistas, em experiências válidas, sem mesmo que a criança perceba o que está acontecendo. São nessas atitudes conscientes ou inconscientes que a brincadeira faz sentido e produz efeito na vida da criança.

É importante destacar que a brincadeira deve fazer parte do cotidiano de toda criança, a começar dos bebês, que também interagem nesse universo e estão cada vez mais envolvidos nas propostas educacionais das creches e instituições de educação infantil, justamente com o intuito de um desenvolvimento global que inclua momentos de prazer e distração por meio das atividades lúdicas.



## BRINCAR: UM DIREITO CONSTITUCIONAL DA CRIANÇA

A criança tem direito de brincar, como tem, por lei, outros direitos. E, para garantir esses direitos à criança, muitas lutas aconteceram.

*A verdade é que, se houve sempre crianças, não houve sempre infância.*

*A consideração das crianças como um grupo etário próprio, com características idênticas, distintas e com necessidades e direitos genuínos, é muito recente.*

(SARMENTO, 2001)

O brincar é um direito político das crianças, que une por meio da Semana do Brincar, parceiros com as mais distintas origens para fazer parte dessa ciranda. É um caminho de transformação social que tem como missão honrar o direito de ser criança e deve estar presente em casa, nos espaços de lazer, como parques, nas escolas, nas creches, e em todos os lugares possíveis onde haja criança. A criança não precisa de muita coisa para brincar, pois sua imaginação permite transformar um simples papel em um fantástico avião, ou, então, uma madeira em um lindo carrinho, sem falar do faz de conta que a transporta para um universo mágico e criativo, o qual ela mesma reproduz. Brincar indica equilíbrio no desenvolvimento infantil, é a forma de expressão mais sincera realizada pela criança.

É um ato espontâneo que envolve amor, alegria, entusiasmo, imaginação, criatividade, subjetividade, prazer e satisfação. É simplesmente ser feliz no momento certo, no momento destinado a isso, que é o brincar.

A luta por garantir direitos à criança, considerada como *um ser em desenvolvimento* e não mais *um projeto de gente* ou *uma miniatura do*

*adulto*, começa com a *Declaração dos Direitos da Criança*, em 1919. Somente 70 anos depois se consolidou, com a *Convenção dos Direitos da Criança*, adotada atualmente por quase a totalidade dos países filados à ONU. E, para enfatizar nosso tema sobre o direito de brincar, no Brasil, a *Constituição Federal*, conhecida como *Constituição Cidadã*, por representar a garantia dos direitos do cidadão, foi um marco decisivo a afirmação dos direitos das crianças. A *Constituição Federal*, de 1988, destaca que a educação é direito de todos (art.205) e coloca a educação infantil como um dever do Estado:

*Art. 227. É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.*

Depois da *Constituição*, em 1988, o *Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)* em 1990, e a *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)*, em 1996, reforçaram tais direitos, nos quais estão incluídos o direito de brincar: *“A criança tem direito de brincar, praticar esportes e se divertir.”* (CAP. II, ART. 16, §IV)

*As práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira. O brincar é um dos quatro parâmetros usados para medir o bem estar de uma criança, ao lado da qualidade do sono, da alimentação e da higiene.*

## O BRINCAR NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

*Quando uma criança brinca, aprende o que ninguém pode lhe ensinar.* (CELSO ANTUNES)

O brincar é uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento e a educação das crianças pequenas. Ao brincar, as crianças exploram, perguntam e reproduzem as formas culturais nas quais vivem, desenvolvendo-se psicologicamente e socialmente. Facilmente se observa a existência de uma escala evolutiva do brincar acompanhando o desenvolvimento sociocultural afetivo cognitivo e biológico da criança. O desenvolvimento passa por fases ou etapas diferenciadas do brincar.

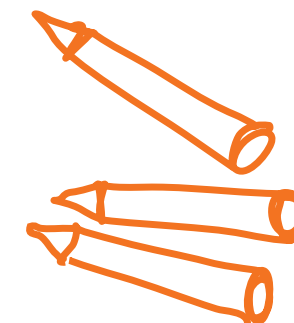
*“Para Vygotsky, a brincadeira constitui uma atividade que intermedeia à passagem de uma etapa a outra, no caso, a transição entre situações reais da infância e o pensamento adulto, projetando a vida interior da criança para o mundo exterior. Fantasia e realidade compõem-se num processo de criação por parte da criança, assim chamado de imaginação.”* (ANGOTTI, 2009, P. 139)

Segundo Vygotsky, a primeira fase do brincar da criança, é na medida em que ela começa a se distanciar do seu primeiro meio social representado pela mãe, principia a andar, falar e se mover em volta. Nesse período, suas relações com o ambiente são governadas pelo fato de que o ambiente a alcança por meio dos adultos.

Depois dessa primeira fase de uma brincadeira que se caracteriza pela exploração direta dos objetos, a criança começa a direcionar

seus movimentos de acordo com modelos, passando então à segunda fase da brincadeira, caracterizada pela imitação. Finalmente, o terceiro momento se caracteriza pela brincadeira marcada por convenções que surgem de regras e ações associadas a essas regras, e constitui um grande avanço no desenvolvimento da criança. Novas brincadeiras podem ser combinadas e novas soluções serão sempre encontradas pelas crianças nestas brincadeiras, que exigem um grau cada vez maior de socialização. Cada ação da criança é limitada e regulada pela ação das outras crianças, numa coordenação indispensável de comportamentos.

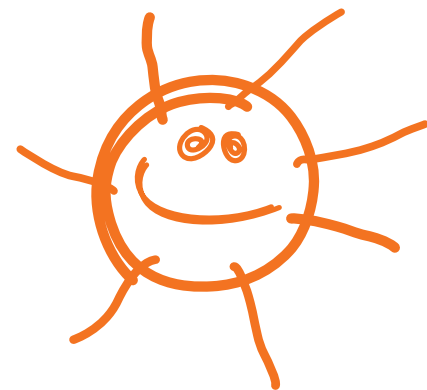
É nesse momento que a brincadeira cresce em seu papel socializante, favorecendo a realização de um processo que foi iniciado muito antes, desde a primeira fase, e que lentamente foi se consolidando pelas relações da criança com o meio que a circunda. Além do papel mais especificamente ligado aos aspectos intrinsecamente culturais, as brincadeiras têm um papel decisivo na formação da personalidade da criança, no sentido de um desenvolvimento que lhe possibilite um afastamento cada vez maior de sua natureza limitada. Vygotsky afirma que:



*Brincadeiras, as quais consideramos como constituindo o melhor mecanismo educacional dos instintos, são, além disso, também os melhores meios para se disciplinar o comportamento emocional. As brincadeiras das crianças são sempre emocionais, há sempre sentimentos fortes vividos nestas brincadeiras, embora elas ensinem à criança a não seguir as emoções cegamente, mas a fazê-las adequadas às regras da brincadeira e ao seu objetivo último.*

Nas contribuições de Jean Piaget sobre as brincadeiras, percebe-se que cada idade representa um momento diferente para concebê-las, existindo três etapas fundamentais com características diferentes para entendê-las.

A primeira trata de crianças de 0 a 2 anos de idade, e refere-se à brincadeira como Jogos de Exercício. Nessa fase, a criança começa a adquirir competências motoras e ganha autonomia a partir das descobertas feitas com o próprio corpo, incluindo o início da fala nesse processo. De suas brincadeiras, fazem parte a exploração de objetos e a ação motora como forma de descoberta do mundo. A segunda relaciona-se às crianças entre os 2 e 6/7 anos de idade. Nessa idade, já está presente a simbologia, as brincadeiras de faz de conta, as histórias, os fantoches. Os jogos simbólicos são possíveis devido à capacidade da criança de produzir imagens mentais, e o uso da linguagem é outro fator que lhe permite o uso de símbolos para representar objetos.



Por fim, na terceira etapa, a partir dos sete anos de idade, os jogos e as brincadeiras com regras tornam-se estratégias fundamentais nas tomadas de decisões, e as crianças começam a entender que é preciso respeitar não somente as regras, mas também ao próximo, numa interação em que todos possam refletir sobre suas ações e comportamentos, avançando em seus conhecimentos e adquirindo maturidade individual ou coletiva.

Ao brincar, a criança utiliza seu imaginário, constrói situações baseadas na realidade e desenvolve sua criatividade, demonstrando que está atenta às questões que acontecem ao seu redor. A brincadeira favorece a autoestima na medida em que a criança sente liberdade para expor suas inúmeras manifestações de sentimentos, de medo, de revolta, de alegria. Enfim, para externar suas emoções, demonstrá-las na brincadeira e sentir-se bem consigo mesma, ou, pelo menos, buscar extravasar aquilo que a incomoda. Para que a brincadeira seja possível de acontecer nas instituições de educação infantil, é necessário dispor de tempo e espaço adequados, assim as crianças transformam os conhecimentos existentes e, ao mesmo tempo, adquirem novos, por meio das trocas e interações com os demais.

## JOGOS DRAMÁTICOS E O IMAGINÁRIO DA CRIANÇA

Assim como toda atividade artística, a dramatização também contribui para o desenvolvimento físico, intelectual, emocional e social da criança, porque, ao dramatizar, ela utiliza seu corpo, desenvolve a linguagem, incorpora conceitos, projeta seu mundo e adquire segurança e autonomia, além de estabelecer contatos entre si e os outros.

A imitação é a base da expressão dramática. No início, a criança imita a si mesma, como, por exemplo; fingir que está dormindo ou comendo de mentirinha (1 ano e meio aos três anos). Aos 2 anos, a criança utiliza um objeto querendo simbolizar outro; ela age com determinado objeto (real), mas utiliza-o com um outra função, por exemplo, pau vira espada. A imitação está presente sempre nos jogos de faz de conta das crianças, como também em suas dramatizações espontâneas. Nesse jogo, ela incorpora papéis de mãe, professora, motorista, polícia, etc..

A dramatização é uma prática importante no desenvolvimento da criança, porque, a partir do momento em que ela é capaz de imaginar, passa a desenvolver diferentes formas de expressão, como a oralidade, a música e a expressão dramática, através das quais estabelece relações com o mundo.

A participação do adulto é, sem dúvida, decisiva no que se refere ao seu desenvolvimento. Ele tem que assumir a função de educador, aquele que procura interferir o mínimo possível, procurando, através de observação, descobrir as necessidades e os desejos implícitos na brincadeira, para poder enriquecer a atividade, criando um ambiente propício ao seu aparecimento e ao seu desenrolar.

Nas brincadeiras do faz de conta, que são iniciativas exclusivas da criança, os ambientes estimuladores são aqueles em que se encontram bonecas, roupas, fantasias, adereços, objetos de uso doméstico, móveis de casa, sapatos de saltos altos, acessórios femininos e masculinos, etc. Algumas vezes, convidado pela criança, o adulto se torna parceiro das brincadeiras, passando a ser a filha, o vendedor, o cabeleireiro, a manicure, o comprador, o carona, etc.

Nas dramatizações espontâneas, a criança recria pequenas histórias, com utilização, ou não, de recursos como máscaras e fantoches, que deverão estar sempre acessíveis. A literatura infantil e a "contação" de histórias são fontes inesgotáveis para a criação das dramatizações espontâneas. O educador, se convidado, poderá facilitar a dramatização, estruturando o ambiente ou manuseando os fantoches. Nunca, porém, impondo suas ideias.

Quanto aos brincos, são dramatizações rítmico-musicais com as quais os adultos entretêm e animam os bebês e as crianças pequenas. São geralmente, cantados, envolvendo movimentos corporais.

Os brincos e os acalantos são formas musicais de dramatizar, utilizadas na primeira fase da vida da criança, e são muito importantes para o desenvolvimento da linguagem, pois enriquecem o vocabulário dos pequenos.



## BRINCANDO TAMBÉM SE APRENDE – O QUÊ? CRIANÇA BRINCA DO QUÊ?

A brincadeira desperta a imaginação e a criatividade. Ajuda a desenvolver as diferentes formas de raciocínio. Ensina valores e alivia as tensões. Favorece a socialização, ensina a convivência, a tolerância, e o respeito às regras. É a maior expressão da vida da criança.

A brincadeira pode congrega múltiplas linguagens, inclusive as artísticas. O educador ou educadora, consciente da importância do brincar na vida da criança, pode transformar o cotidiano numa constante brincadeira: “Vamos brincar de ouvir história? Vamos brincar de desenhar? Vamos brincar de colocar os brinquedos nos seus lugares?”. As brincadeiras de faz de conta, também conhecidas como **jogos simbólicos**, têm início bem cedo, ainda com as crianças do maternal. Nessas brincadeiras, elas reproduzem suas experiências de vida e de suas observações. O acompanhamento do educador, quando a criança brinca de faz de conta, leva-o a entender suas reações, pois nesta atividade ela retrata toda sua vida familiar.

A agressividade é muito comum nas brincadeiras infantis, tanto em relação aos brinquedos como em relação às outras crianças. Brincando, as crianças colocam para fora suas angústias, seus medos, dúvidas, ódios, frustrações, insucessos, o desejo de agredir. Se essa agressividade se apresenta sem uma violência capaz de ferir, devemos respeitar a criança e deixar que ela tenha o máximo de liberdade para expressar o que sente.

*Ela também tem o direito de se relacionar com o brinquedo do modo que achar melhor. Se o brinquedo é dela, não há*

*porque controlar a forma de usá-lo, mesmo que, para os adultos, ela pareça absurda, sem sentido. (LOBO, 1998)*

Mas a educação infantil também tem espaço para as brincadeiras dirigidas. Um educador com boa formação saberá como trazer para seu cotidiano as brincadeiras regionais e as manifestações folclóricas que irão enriquecer a vida das crianças.

*Existem em todas as culturas numerosas brincadeiras populares que não requerem qualquer material (...) que divertem as crianças e contribuem para desenvolver diversas habilidades e socializar as crianças, a compartilhar alegrias que formam a personalidade. (THÉRIAULT, 1996)*



## O EDUCADOR FACE ÀS BRINCADEIRAS DAS CRIANÇAS

Muito se tem falado sobre a importância do brincar na educação infantil. Mas, será que temos conseguido incorporar a brincadeira como experiência de cultura em nossas práticas pedagógicas?, como o recreio, os cantinhos do faz de conta, as casinhas de boneca e/ou atividades dirigidas que a utilizam como recurso didático?

Será que esses espaços e tempos institucionais têm garantido às crianças a possibilidade de imaginar, fantasiar, criar novas ordens, estabelecer laços de amizade, relações de sociabilidade e construir suas culturas próprias? Como podemos redimensionar nossas ações e a forma como organizamos o trabalho pedagógico nessa perspectiva? Ao observar as crianças brincando, reunimos muitas informações que nos ajudam a organizar os espaços e tempos escolares, para ampliar e enriquecer suas brincadeiras, estabelecer interações mais produtivas com elas e trabalhar com os diferentes conhecimentos e expressões artísticas.

*... o brincar tem se restringido a uma atividade paralela, de menor valor, de passatempo, liberação de energias ou relaxamento? Geralmente, a brincadeira é reservada a restritos espaços e tempos organizados na rotina escolar, como o recreio, os cantinhos de faz de conta, casinhas de boneca e/ou atividades dirigidas que a utilizam como recurso didático. Será que estes espaços e tempos institucionais têm garantido às crianças a possibilidade de imaginar, fantasiar, criar novas ordens, estabelecer laços de amizade, relações de sociabilidade e*

*construir suas culturas próprias? Como podemos redimensionar nossas ações e a forma como organizamos o trabalho pedagógico nessa perspectiva? (CORSINO, 2009)*

Eis o que nos diz Ângela Meyer Borba:

*Para Vigotsky, o brincar é fonte de desenvolvimento e de aprendizagem, constituindo uma atividade que impulsiona o desenvolvimento, pois a criança se comporta de forma mais avançada do que na vida cotidiana, exercendo papéis e desenvolvendo ações que mobilizam novos conhecimentos, habilidades e processos de desenvolvimento e de aprendizagem.*

*O brincar é compreendido pelo autor como uma atividade construída pela criança nas interações que estabelece com outros sujeitos e com os significados culturais do seu meio. Ou seja, a criança aprende a brincar com a mãe, a avó, o pai, o avô, os irmãos, os primos, os educadores, enfim, com crianças e adultos em geral, com os quais estabelece interações que assumem a dimensão lúdica de brincadeira.*

O brincar abre para a criança múltiplas janelas de interpretação, compreensão e ação sobre a realidade. Nele, as coisas podem ser outras, o mundo vira do avesso, de ponta-cabeça, permitindo à criança descolar-se da realidade imediata e transitar por muitos tempos e lugares, inventar e realizar ações/

# ABC

interações com a ajuda de gestos, expressões e palavras, ser autora de suas histórias e ser outros, muitos outros: pai, mãe, cavaleiro, bruxo, fada, príncipe, sapo, cachorro, trem, condutor, guerreiro, super-herói... São tantas as possibilidades quanto é permitido que as crianças imaginem e ajam guiadas pela imaginação, pelos significados criados, combinados e partilhados com os parceiros de brincadeira. Sendo esses outros, definindo outros tempos, lugares e relações, as crianças aprendem a olhar e a compreender o mundo e a si mesmas de outras perspectivas. À medida que as crianças crescem, ampliam suas formas de brincar, interessando-se e compreendendo cada vez mais jogos com regras. Os jogos também são brincadeiras. Eles abrem outras janelas para a experiência lúdica, as interações sociais e a construção de novos conhecimentos. As crianças aprendem a tomar decisões, alternar turnos, controlar emoções, criar estratégias, respeitar os parceiros, comunicar-se, negociar. Através do jogo, a criança vivencia e experimenta situações de observação, decisão sobre opções de ação, aplicação das decisões tomadas, avaliação dos resultados e tomada de novas decisões. Quanto aos valores éticos, os jogos podem desenvolver o espírito de cooperação, o respeito mútuo, a disciplina e o comprometimento aos interesses do grupo.

Porém, é importante ter o cuidado de não reduzir a brincadeira ou o jogo a mero recurso didático, pois, assim, os estaremos destruindo como espaços de experiência lúdica e de cultura. A experiência de brincar com as crianças, ou seja, de sermos parceiros de suas interações lúdicas, partilhando com elas decisões, escolhas, papéis e respeitando

suas lógicas e formas próprias de organização e significação da realidade, cria um espaço de aproximação e de relações de afeto com elas. Que tal aprender com as crianças a inverter a ordem, a rir, a representar, a sonhar, e a imaginar?

A formação continuada do **Projeto Creche para Todas as Crianças** proporcionou ao educador momentos de reflexão no desempenho das suas atividades. Pensar qual o perfil do educador? E qual a formação necessária para atuar com a primeira infância? Chega-se à conclusão de que, é necessário ter a formação inicial, a qualificação e, ainda, a formação continuada. O curso de formação continuada tem como finalidade criar espaço de estudo e troca de experiência entre os pares, buscando sempre confrontar ações do cotidiano com a produção teórica, rever as práticas e produzir novos conhecimentos.

A contribuição da formação continuada foi observável durante a visita de supervisão, tanto quanto a postura do educador na organização do espaço das salas de atividades como nas atividades oferecidas às crianças. Essas mudanças foram observadas nas creches. As professoras deixaram claro, em suas fala, o quanto modificaram sua visão em relação à concepção de Educação Infantil e passaram a valorizar mais a questão dos brinquedos e das brincadeiras no trabalho com a criança. E também passaram a ouvir e a respeitar a opinião da criança, deixando-a participar do planejamento das atividades do dia a dia. Seguem alguns depoimentos que ilustram esse cenário.

“Aplicamos em diversas formas, mais na parte lúdica, pois na parte teórica temos que cumprir um planejamento. Pois as crianças precisam ser livres, brincar, correr, pular e desenhar usando a sua própria imaginação. Nessa idade, as crianças aprendem brincando.”  
*Andreia Botelho Nogueira, Creche Roberto Cotrim, Itatiaia-RJ.*

“Baseados nos eixos do trabalho brincadeira e interação, muito trabalhados durante o curso, exploramos todo o aprendizado na sala de aula, com jogos, músicas, brincadeiras livres e dirigidas, e cantinhos que são muito dados regularmente”. “Nos desenvolvemos através das músicas, das brincadeiras de faz de conta, desenho livre, colocando a folha na parede e pintando, algo pendurado no teto e a massinha caseira.”  
*Professora Lilian R. da Silva, Creche Sandra Cotrim, Itatiaia-RJ.*

“A eliminação das folhinhas foi crucial no desenvolvimento cognitivo e motor das crianças. Utilizamos as brincadeiras como forma de aprendizagem. Não tivemos restrições em utilizar as dinâmicas do curso, pois a escola nos oferece uma área ampla, na qual se torna muito proveitoso o espaço. As crianças se sentiram mais à vontade para fazerem seus desenhos livres, dançar e cantar, brincar de faz de conta. Dessa forma, sentiam-se em casa e, com certeza, aprenderam.”  
*Professora Maria Helena Oliveira, da CEMEI Alice de Souza Bruno, Seropedica – RJ.*

“Percebemos que os próprios alunos resistiram a algumas mudanças, até nos desenhos livres tinham resistência. Mas, aos poucos, vimos uma significativa mudança e desenvolvimento na autonomia e disposição.” “Outra dificuldade é a família que resiste. Principalmente por não participar (por falta de tempo ou desinteresse) da rotina escolar.”  
*Diretora Renata M. Santos, da CEMEI Alice de Souza Bruno, Seropedica - RJ.*

“A unidade escolar, embora interessada, também estranha as novidades. Se preocupa em excesso com algumas ideias, em outras nem toma muito conhecimento. Mas insistimos em plantar sementes, mesmo que a terra não pareça fértil. Somos professoras, acreditamos e essa é nossa maior rebeldia.”  
*Diretora Vilma Alves, do C.M.E.I. Professor Hemetério Fernandes do Rêgo, Seropedica – RJ.*





## VALORIZANDO O ATO DE BRINCAR

*Não imagine que para ser feliz a criança precise de brinquedos caros, de corda, pilha ou eletroeletrônicos. Os mais simples são capazes de fazê-la brincar com mais criatividade do que alguns, que, na verdade, brincam sozinhos.* (LOBO, 1998)

A experiência pessoal e intransferível realizada pelas crianças durante uma brincadeira lhes oferece subsídios indispensáveis e altamente valiosos para o seu desenvolvimento. E, nessa experiência, estamos priorizando o ato de brincar como algo central e irradiador de toda a atividade em geral da criança. Ela concentra todas as suas energias e capacidades no ato de brincar e, notadamente, na aquisição das metas de uma brincadeira. Isso faz com que ela tenha que se utilizar de recursos variados, organizados por sua inteligência. Assim é que sua atenção será particularizada provocando melhor concentração, sua memória será trabalhada de forma a desenvolver as capacidades cognitivas, afetivas, social e psicomotora. A percepção se tornará mais consciente e suas ações serão necessariamente intencionais e responsáveis. A brincadeira alimenta a realidade sociocultural e amplia o mundo da experiência infantil.

Para que possamos nos comunicar com a criança, temos que conhecer a linguagem que ela utiliza para se expressar: a brincadeira. Porém, para que o adulto possa interagir, saber o sentido da brincadeira, terá que despertar a criança adormecida dentro de si mesmo, começando a perceber a brincadeira do ponto de vista da criança, ou seja, como uma das atividades mais importantes da vida dela. Ao observar a brincadeira infantil,

não há como duvidar que, para a criança, a brincadeira é coisa séria. A criança não gosta de ser interrompida enquanto brinca. Se não é respeitada, reage irritada. Ela pode, muitas vezes, estar aparentemente brincando sozinha, mas, na verdade, ela está transportando para aquele momento situações vivenciadas em família, escola, comunidade, e as consolida pelo brinquedo. O papel do educador é de organizar, de forma adequada, o ambiente da sala, para que a criança adquira autonomia e realize de uma forma dialética e pessoal, a interação com o meio. Cabe a ele(a), educador ou educadora, saber a hora de fazer a intervenção pedagógica, sabendo observar mais e conduzindo menos.

São palavras da doutora em educação, Maria Luisa Costa Lins:

*“Convide uma criança para, juntos, construir um brinquedo artesanal: uma pipa, uma bola de meia, um boneco de jornal. Você verá que ela se envolverá na criação do brinquedo, e depois, por se sentir criadora do brinquedo, terá um prazer duplicado ao brincar”.*



## BRINCADEIRA CANTADA

A música tem sido, através dos séculos, uma das mais ricas formas de comunicação entre os homens, por ser a linguagem ideal para a manifestação de sentimentos. É, portanto, um elemento indispensável no processo de educação, podendo ser explorado de maneira interdisciplinar. O primeiro contato da criança com a música realiza-se através da percepção dos sons, do ritmo e da melodia do corpo e da natureza. A criança inicia sua criação artística pelo desenho, porém seu primeiro contato com a arte é a música, o que numa instituição de Educação Infantil (creche ou pré-escola) acontece desde o berçário.

*O acalanto ou cantiga de ninar é uma pequena canção que tem como objetivo fazer o bebê ficar mais calmo, relaxar e dormir. Este tipo de canção é universal e os temas encontrados nessas músicas ao redor do mundo apresentam uma certa semelhança, pois figuras fantásticas do imaginário folclórico e popular são citadas no conteúdo das letras.* (NOGUEIRA, 2003)

Podemos observar que, desde bem pequenas, elas já acompanham as músicas que ouvem, com palmas, sapateados, volteios de cabeça ou de quadris. Música e ritmo têm um papel fundamental na formação do equilíbrio do sistema nervoso. Isso se deve ao fato de que toda expressão musical ativa age sobre a mente da criança, favorecendo a descarga emocional e aliviando as tensões.

José Henrique Nogueira, que, em seu livro *O bebê e a música*, nos apresenta a

seguinte questão: *“Como proceder durante o desenvolvimento da criança para estimular suas próprias ações sonoro/musicais?”*

Segundo Weigel, na pré-escola, a música deve proporcionar às crianças a mesma alegria que sentem ao brincar fora da escola. Para que isso aconteça, é necessário que a criança seja incentivada a descobrir, experimentar e criar sons, ritmos e movimentos. Assim, as brincadeiras musicais devem ser sempre propostas de forma criativa e inovadora. O canto, a dança, a descoberta de ritmos e sons, no próprio corpo ou com auxílio de objetos, favorecem o desenvolvimento integral da criança. Isso acontece porque essas atividades englobam as diversas áreas a serem ativadas no desenvolvimento infantil: cognitiva, psicomotora, afetiva e social. Assim, a música satisfaz a necessidade de criação da criança, desenvolvendo sua inteligência, sua capacidade de apreciar o belo e enriquecendo sua vida.



O educador deve aproveitar todas as oportunidades para estimular o grupo a perceber sons e descobrir que pode produzi-los. Sons e ritmos, produzidos com os pés, com as mãos, boca, etc. Sons e pausas. Sons altos e baixos. Brincando com os ritmos, com crianças de todas as idades, desde as do berçário.

Eis o depoimento de educadores de uma creche de Porto Alegre/RS, que trabalhavam com crianças de 0 a 2 anos:



*(...) um dos momentos mais prazerosos tem acontecido quando cantamos e dançamos juntos. Nessa hora, todos, sem exceção, se aproximam. Alguns já pedem a música que desejam cantar, utilizando a linguagem oral, ou gestos que caracterizavam a canção, palmas e mexem o corpo no ritmo da música.*

(BARBOSA & HORN, 2008)

A percepção dos sons pode ser estimulada com propostas como: incentivar a criança a descobrir que pode produzir sons com seu próprio corpo - imitando vozes de animais, sons de beijos, choro, chuva, vento; com objetos encontrados na própria sala de aula ou na área ao ar livre, como madeira, metal, papel, vidro, água etc. - produzir sons e conversar sobre eles ("É gostoso de ouvir? É forte? É alto?..."); com instrumentos simples de percussão, que podem ser adquiridos no comércio especializado ou confeccionados no próprio jardim de infância.

Um dos recursos para a descoberta do ritmo é a **bandinha rítmica**, formada por instrumentos de percussão. O professor pode preparar as crianças para a **bandinha** inicialmente pedindo-lhes que batam palmas; num segundo momento, as palmas estarão integradas à música; e, por último, as crianças baterão palmas sob a regência do professor.

Um educador atento e interessado saberá organizar o tempo das crianças, intercalando atividades de maior agitação com outras mais tranquilas, e, nesse caso, a música tem seu papel.

## AS CONSEQUÊNCIAS DA FALTA DA BRINCADEIRA

Pesquisa recente revela que as crianças brasileiras brincam pouco, e que os pais não ajudam a mudar esse quadro. O desconhecimento sobre a importância do brincar, por parte do adulto, leva-o a não estimular a criança a brincar. O adulto acredita que o brincar se distancia do aprender. Porém esse conceito foi literalmente superado. Hoje se conhece sobre a mente infantil e não há mais dúvida de que é no ato de brincar que toda a criança se apropria do conhecimento.

A psicóloga e pedagoga Elizabeth Monteiro afirma que a falta de estímulos às brincadeiras afeta o cotidiano das crianças. Elas começam a sofrer, cada vez mais cedo, de doenças típicas do universo adulto, como estresse, depressão, ansiedade e obesidade.

*A criança impedida de brincar tem a tendência de se transformar em um adulto dissimulado, egoísta, isolado, pouco criativo, deprimido.* (MONTEIRO, 2002)

Na verdade, há um conjunto de fatores que ajudam a explicar porque as brincadeiras se tornaram escassas na vida da criança. Primeiro, a necessidade dos pais de se ausentarem para o trabalho por longos períodos, prejudicando o convívio com seus filhos. Segundo, desde muito cedo, elas se tornam dependentes de televisão, vídeo e computadores. E terceiro, os pais da classe média, preocupados com o futuro cada vez mais competitivo, estão estimulando precocemente os seus filhos com atividades extras, sobrecarregando as crianças, que ficam com a agenda cheia de compromissos (curso de línguas, coral, balé, caratê, natação, ginástica, etc.).



## FAMÍLIAS PARCEIRAS NA BRINCADEIRA

*(...) a criança começa seu processo de educação em casa, nos braços e sob o olhar da mãe e do pai, na convivência da família, na interação com outras crianças no seu meio familiar e social. Mesmo que ela entre numa instituição de educação infantil imediatamente após a licença maternidade da sua mãe, continuará recebendo as influências mais profundas de caráter afetivo, de socialização e dos valores do ambiente familiar em que é criada. (DIDONET, 2010)*

A família é essencial para o desenvolvimento da criança. É no meio familiar que ela tem seus primeiros contatos com o mundo externo, com a linguagem, com a aprendizagem e com a brincadeira, tão necessária para a sua inserção no meio onde vive. A família, principal responsável pela alimentação e pela proteção da criança, tem ainda a responsabilidade de iniciá-la na cultura, na brincadeira e nas normas da sociedade. Atualmente as mudanças repercutem na estrutura familiar, além de interferirem no tempo que os pais têm para a convivência diária. Com o grande número de informações produzidas e divulgadas pelos meios de comunicação, gera-se confusão sobre a capacidade dos pais como agentes formadores e transformadores da criança.

A parceria entre família e escola sofreu inúmeras mudanças ao longo da história. Nos diferentes aspectos, essa relação pode ser marcada pela troca de experiências, pelo diálogo e pela construção de saberes que, juntos, possam ter sucesso no desenvolvimento da criança.

Na verdade, a escola sozinha não conseguirá alcançar nenhum objetivo, a não ser desviar algumas funções que de fato são da família. A especificidade da escola é o crescimento intelectual, social de cada criança, além de incentivar a família a interagir nesse processo.

Para que a parceria entre família e escola dê certo, deve haver ações coletivas, como uma forma de cooperação, como uma ponte para articular relações sociais diversificadas e ter dispositivos facilitadores e estruturadores, mostrando uma responsabilidade compartilhada entre a escola e família, além de toda comunidade, no que diz respeito ao desenvolvimento escolar, social e cultural da criança.

Já no contexto escolar, tal parceria será uma colaboração mútua entre todas as partes. É preciso estabelecer regras que fortalecerão a parceria, permitindo que a aprendizagem das crianças se efetive claramente através do empenho da família e da escola.

Normalmente, a parceria surge quando há necessidade de resolver desafios, buscando juntos a resolução e, com isso, o crescimento, visando uma melhoria na qualidade do atendimento. Quando família e escola se unem em prol de um objetivo comum, qualifica a criança para ter autonomia e confiança, para dar os passos necessários fora e dentro da instituição.

A família continua sendo a maior referência nos vínculos afetivos em que se dá todo o processo de construção do indivíduo. Um ambiente familiar bem estruturado contribui de forma positiva para o desenvolvimento da criança. A criança,

quando percebe que os pais estão envolvidos nas suas atividades e brincadeiras, sente-se mais segura, desenvolvendo-se de maneira equilibrada. Através do diálogo, podem-se construir conhecimentos voltados para a sociedade, onde o respeito a si e ao outro existam, os princípios éticos e de conduta no ambiente social sejam assimilados.

A escola por sua vez, deve cumprir a proposta pedagógica apresentada aos pais durante as reuniões, recebendo-os com prazer, criando situações para deixá-los à vontade para participar do desenvolvimento da criança. É de grande importância o comparecimento dos pais pelo menos uma vez por semana na escola, para que, assim, possam conversar com os professores, verificando o desenvolvimento do filho.

Em diversos momentos, na realização do **Projeto Creche para Todas as Crianças**, os participantes relataram que a relação escola-família não era uma tarefa fácil. Muitos dos pais não compareciam às reuniões, e a família exigia da creche antecipação da escolaridade, exigindo das professoras que ensinassem

as crianças a escreverem e que passassem tarefas diariamente. Quando o assunto era família, as professoras tinham sempre uma história triste para contar, e a procura pelo culpado continuava, *família ou a escola?* E a criança onde ficava nessa discussão? O que fazer para estreitar essa relação tão importante para criança? Foi nesse cenário que o **Projeto Creche para Todas as Crianças** buscou incentivar e melhorar essa relação por meio dos Encontros com as Famílias, ação organizada e planejada em parceria com o **Projeto Crescer Aprendendo**, da United Way.

Para caracterizar práticas de cuidado e educação adotadas pelas famílias, elaborou-se instrumento bastante simples, composto por questões fechadas que buscaram captar aspectos do relacionamento com a criança, em casa. A elaboração das questões foi parcialmente inspirada pelas orientações para a comunicação entre crianças e pessoas que cuidam e educam, disseminadas pelo International Child Development Programme (ICDP).

Algumas das questões do instrumental:

**Você abraça sua criança, quando ela acorda, quando vai para a escola, quando vai dormir?**

SEMPRE

ÀS VEZES

NUNCA

**Em sua casa, algum adulto trata mal sua criança?**

SIM

ÀS VEZES

NUNCA

**Você abraça sua criança, quando ela acorda, quando vai para a escola, quando vai dormir?**

SEMPRE

ÀS VEZES

NUNCA

Encerrando o panorama das práticas adotadas pelas famílias, buscou-se identificar eventuais ocorrências de maus tratos, bem como as dificuldades sentidas pelos responsáveis para cuidar de suas crianças e educá-las.

Procurou-se abordar a delicada primeira questão de forma a não intimidar os respondentes, contando, porém, com a possibilidade de respostas pouco fidedignas. À questão proposta (Em sua casa, algum adulto trata mal sua criança?), foram adicionadas explicações por parte do orientador do preenchimento dos questionários: “tratar mal” pode significar dar palmadas, bater com objetos, chutar, xingar, mandar calar a boca, chamar de “tonto, burro, idiota” e coisas assim...

Conforme esperado, 85% dos cuidadores responderam nunca. Note-se, porém, que a porcentagem é bastante superior entre os responsáveis por crianças que frequentam o Berçário (92%), do que entre os cuidadores de crianças maiores (82%). Neste caso, aumentam

as respostas às vezes (14%) e aparece mesmo um corajoso sim (2,5%) (Anexo 2, quadros 31A e 31B). Pouco precisos, é verdade, os resultados podem indicar que as formas “familiares” de maus tratos, como as exemplificadas, crescem à medida que crescem as crianças, tornando-se mais ativas e com mais iniciativa.

Com relação às principais dificuldades sentidas para cuidar das crianças e educá-las, as respostas concentraram-se em falta de tempo (47%). Para 15% (com predomínio de mães), falta paciência. Apenas 3% admitem que lhes faltam informações e 30% não sentem qualquer dificuldade em cuidar de suas crianças e educá-las, fazendo da ampla porcentagem de 70% dos cuidadores (principalmente, mães e pais) das crianças matriculadas nos Centros de Educação Infantil envolvidos no **Projeto Crescer Aprendendo** público-alvo para mensagens positivas, que conduzam aos resultados que são obtidos quando pessoas que cuidam e educam melhoram suas práticas cotidianas.



## CRIANÇA BRINCANTE, PENSANTE E FALANTE

Crianças são seres dotados de capacidades para exercer qualquer papel social, dentro de suas limitações etárias, mas sem barreiras criativas de pensamento reflexivo e expressão livre. O termo infância é um tanto pernicioso, pois etimologicamente aponta um ser que não fala. “*Infantil*” provém de *in-fans*. “*Infante*” é o que não fala” (DIDONET, 2010. P. 24). Para ele, esta é *uma concepção ultrapassada* da criança, como um ser que nasce desprovido de tudo, não sabe se expressar, não sabe fazer, incompetente, incapaz, inseguro, imaturo, e totalmente dependente do adulto. Atualmente podemos afirmar que a criança *desde que* nasce tem algumas capacidades e vai desenvolvendo a cada dia novas competência através das brincadeiras, da experiência e da interação com o outro e com o meio físico e social.

A ideia de infância brincante, pensante e falante faz a sociedade repensar sua ação frente à criança, com atividades que estimulem a interação, a brincadeira potencializando a criatividade e a expressão da criança, para que ela se torne autora de novos conhecimentos e descobertas, desenvolvendo sua autonomia e ampliando suas competências.

O ECA dá às crianças o direito de liberdade de opinião e expressão, como todos os cidadãos independente de idades, e o Plano Nacional pela Primeira Infância desenvolveu, no ano de 2010, um projeto em que se dava voz aos pensamentos das crianças, elaborando livro intitulado *O que criança não pode ficar sem, por ela mesma*. A pesquisa realizada com a

criança de forma que ela se expressa, diz o que quer e pensa. O livro *Deixa eu Falar*, parte de uma escuta de crianças, do Plano Nacional pela Primeira Infância 2010, a Rede Nacional Primeira Infância, em que as crianças são protagonistas e autores. Projetos como esses explicitam a necessidade de ouvir mais crianças, de entender o que elas pensam, sabem e entendem sobre o mundo que as cerca. Criança é ser espontânea, viva e criativa, tem uma linguagem própria. É necessário construir novas práticas sociais, que envolvam escola, família e sociedade, instituição de caráter lúdico estimulante, com profissionais brincantes que revivam a brincadeira e criem espaços que resgatem a vivência lúdica dos adultos que atuam em creche e pré-escola que enriqueça e amplie a linguagem e a experiência, garantindo assim direito de expressão da criança

*O educador deve propiciar à criança oportunidades de experimentar e descobrir por si mesmo o mundo em sua volta envolvendo de suas capacidades psíquicas superiores através do recurso fundamental da brincadeira.*

No ano de 1990, na Colômbia, o antropólogo, poeta e professor Javier Naranjo pediu aos seus alunos que definissem a palavra “criança”, em atividade que comemoraria o Dia das Crianças. O professor se surpreendeu com as respostas, percebeu o potencial delas e resolveu anotá-las e guardá-las. Oito anos se passaram, e Javier juntou os conceitos das crianças de escolas rurais, que por meio de frases expressaram seus sentimentos,

medos, sonhos e experiências e escreveu um livro chamado *Casa das estrelas: o universo contado pelas crianças*. O livro foi publicado na Colômbia em 1999 e reeditado. E com ele pode-se perceber a importância da voz da criança, e que seu contexto social influencia seus pensamentos e sonhos. Escutar uma criança é entender desejos e vontades, reclamações e pedidos, expressos nas múltiplas formas de linguagens e expressões da infância.

Transcrição de falas de crianças, selecionadas dos livros *Deixa eu falar, Casa das estrelas* e **Projeto Creche para Todas as Crianças** - da Fundação Abrinq – Save the Children, que remete à reflexão de quanto as crianças são capazes de imprimir suas ideias e opiniões sobre determinados assuntos:

## A - DEIXA EU FALAR

“Todo mundo precisa ter casa senão vai morar embaixo da ponte, vai ficar doente.”

“Se eu ficar sem comer a barriga fica roncando, pode até ficar doente e morrer, mas se ficar sem televisão não acontece nada.”

“Eu não sei ler as letras, mas sei fazer pilhas de sentar nos livros e consigo carregar na bolsa.”

“Eu preferia não ter que ir mais na escola. A gente aprende com brinquedos, com amigos, com jogos, com a vida.”

“Eu pedi para a minha mãe comprar uma boneca da televisão, ela disse que não tinha dinheiro. Eu falei pra ela dar um cheque pré-datado.”

## B - CASA DAS ESTRELAS, O UNIVERSO CONTADO PELAS CRIANÇAS

- apresentou algumas palavras para a criança para saber o que ela já sabe sobre elas:

“**Adulto:** Pessoa que em toda coisa que fala, fala primeiro dela mesma.” (Andrés Felipe)

“**Ancião:** É um homem que fica sentado o dia todo.” (Maryluz Arbeláez, 9 anos)

“**Água:** Transparência que se pode tomar.” (Tatiana Ramírez, 7 anos)

“**Camponês:** um camponês não tem casa, nem dinheiro. Somente seus filhos.” (Luis Alberto Ortiz, 8 anos)

“**Deus:** É o amor com cabelo grande e poderes.” (Ana Milena Hurtado, 5 anos)

“**Inveja:** Atirar pedras nos amigos.” (Alejandro Tobón, 7 anos)

“**Mãe:** Mãe entende e depois vai dormir.” (Juan Alzate, 6 anos)

“**Paz:** Quando a pessoa se perdoa.” (Juan Camilo Hurtado, 8 anos)

“**Sexo:** é uma pessoa que beija em cima da de outra.” (Luisa Pates, 8 anos)

“**Violência:** Parte ruim da paz.” (Sara Martínez, 7 anos)

## C - OUVINDO CRIANÇA – Escuta Projeto Creche para Todas as Crianças

Foram ouvidas 40 crianças de idade entre 3 a 5 anos, destas foram selecionado 7 (sete), entrevista para a transcrição da fala. Objetivo de ouvir o que a criança tem a dizer sobre as questões: instituição, brincadeira, mundo e natureza.



## Quanto à Instituição

PERGUNTAS

**1. VOCÊ GOSTA DE VIR PARA A ESCOLA? SIM ( ) NÃO ( ) NÃO SEI ( ) POR QUÊ?**

RESPOSTAS

**Criança 1** - Sim, porque se eu não vier para a escola vou ficar sem aprender. - **4 anos**

**Criança 2** - Sim, porque eu gosto de estudar pra eu ter dinheiro. - **5 anos**

**Criança 3** - Sim, eu gosto de fazer tarefa, a gente não fica o tempo todo sentado sem fazer nada, porque a gente brinca com brinquedo e aqui tem caixa de areia e na minha casa não tem. - **5 anos**

**Criança 4** - Sim, por causa que eu quero ficar inteligente. - **5 anos**

**Criança 5** - Sim, por que eu gosto de brincar. - **4 anos**

**Criança 6** - Sim, porque eu aprendo várias coisas. - **5 anos**

**Criança 7** - Sim, porque eu aprendo coisa e ensino para o meu pai. - **6 anos**

**2. O QUE VOCÊ ACHA BOM NA ESCOLA? POR QUÊ?**

RESPOSTAS

**Criança 1** - Desenhar, pintar, brincar.

**Criança 2** - Passeio, porque eu gosto de ver os animais.

**Criança 3** - Acho bom que a gente brinca, porque a gente pode brincar de qualquer coisa.

**Criança 4** - Ver vídeo, comer lanche, fazer as tarefas e desenhar e brincar, porque eu gosto muito de escola.

**Criança 5** - Os brinquedos, as atividades, as pinturas; porque eu me sinto feliz.

**Criança 6** - Brincar no parque, porque eu me divirto com meus amigos.

**Criança 7** - Ir para o campo e fazer tarefas, o campo é divertido e a tarefa também.

**3. O QUE VOCÊ NÃO GOSTA NA ESCOLA? POR QUÊ?**

RESPOSTAS

**Criança 1** - De briga.

**Criança 2** - Que me batam, porque os meninos me batem, que é muito chato.

**Criança 3** - Dos carrinhos estragados, porque tem 3 carrinhos estragados na caixa de brinquedo e - eu não gosto de brinquedo estragado.

**Criança 4** - Não gosto de brigar, porque é muito feio ser briguenta.

**Criança 5** - De brincar na areia, porque minha mãe não gosta porque suja minha roupa.

**Criança 6** - Não gosto quando outro amigo tranca a porta do banheiro, porque eu tenho medo de ficar trancada e sozinha.

**Criança 7** - Ficar sentado esperando e ver livros, fico cansado e tem livro muito grande, com muita coisa pra ler.

**4. TEM ALGUMA COISA QUE VOCÊ GOSTA MUITO E QUE A ESCOLA NÃO TEM?**

**SIM ( ) NÃO ( ) NÃO SEI ( )**

**Criança 1** - O que?

**Criança 2** - Sim, Piscina.

**Criança 3** - Sim, tablet e computador.

**Criança 4** - Sim, um boneco grande.

**Criança 5** - Não, não sei.

**Criança 6** - Sim, computador.

**Criança 7** - Não, não sei.

## Questão Brincadeira

### PERGUNTAS

#### 1. DE QUE VOCÊ MAIS GOSTA DE BRINCAR?

### RESPOSTAS

**Criança 1** - De carrinho.

**Criança 2** - De tablet porque eu tenho tablet lá em casa.

**Criança 3** - Boneco, carrinho, urso, zebra, porco, vaca, cavalo, pintinho, galinha, dinossauro, caramujo, pato.

**Criança 4** - De cabo de guerra, pula corda e boneca.

**Criança 5** - Jogar boliche.

**Criança 6** - Adoro brincar com *Lairol lex pet shop*, bichinhos fofinhos.

**Criança 7** - Gosto de brincar de futebol.

#### 2. COM QUEM VOCÊ BRINCA?

### RESPOSTAS

**Criança 1** - Com meu amigo Gabriel.

**Criança 2** - Com meu sobrinho e minha sobrinha.

**Criança 3** - Com meus amigos.

**Criança 4** - Com minhas amigas da minha sala.

**Criança 5** - Com as amigas e amigos da turma.

**Criança 6** - Gosto de brincar com minha prima Aline.

**Criança 7** - Com o meu primo João Pedro e com os amigos da escola.

#### 3. VOCÊ BRINCA DE QUÊ?

### RESPOSTAS

**Criança 1** - De carrinho.

**Criança 2** - Com meu tablet, com o celular do

meu pai que ele deixa, de quebra-cabeça da princesa e da moranguinho.

**Criança 3** - De boneco, carrinho, índio.

**Criança 4** - De mamãe e filha, médica e professora.

**Criança 5** - De boneca e casinha.

**Criança 6** - Brinco de Barbie, de mamãe e filhinha e de supermercado.

**Criança 7** - Brinco de vídeo game e futebol.

#### 4. EM QUE LUGARES VOCÊ GOSTA MAIS DE BRINCAR?

### RESPOSTAS

**Criança 1** - No parque de ferro.

**Criança 2** - No quintal, no sábado eu gosto de fazer unha e dançar ballet na frente da igreja.

**Criança 3** - Na mesa, sentado na cadeira.

**Criança 4** - Na areia, parque e na casinha.

**Criança 5** - Na casinha de brinquedos.

**Criança 6** - Adoro brincar no meu quarto e na sala.

**Criança 7** - Adoro brincar no campo.

## Questão Mundo e Natureza

### PERGUNTAS

#### 1. DO QUE VOCÊ MAIS GOSTA NA NATUREZA? DAS PLANTAS ( ) DOS ANIMAIS ( )

### RESPOSTAS

**Criança 1** - Dos animais.

**Criança 2** - Dos animais.

**Criança 3** - Das plantas.

**Criança 4** - Dos animais.

**Criança 5** - Dos animais.

**Criança 6** - Das plantas e dos animais.

**Criança 7** - Dos animais.

#### 2. AS PESSOAS QUE VOCÊ CONHECE CUIDAM DA NATUREZA? SIM ( ) NÃO ( ) COMO?

### RESPOSTAS

**Criança 1** - Não.

**Criança 2** - Sim, dão remédio para os bichos.

**Criança 3** - Sim, o meu avô cuida, plantando sementes molhando as arvores.

**Criança 4** - Sim, cuida dos cachorrinhos.

**Criança 5** - Sim.

**Criança 6** - Sim, cuidam das plantas e dos animais.

**Criança 7** - Sim, não jogam lixo no chão.

#### 3. VOCÊ ACHA QUE FALTA ALGUMA COISA PARA O MUNDO FICAR MELHOR? SIM ( ) NÃO ( ) NÃO SEI ( ) POR QUE?

### RESPOSTAS

**Criança 1** - Não sei.

**Criança 2** - Não sei.

**Criança 3** - Não; Ah, se comer mais chocolate ficaria melhor.

**Criança 4** - Não, já existe todas as coisas.

**Criança 5** - Sim; a água, porque todo mundo fala que vai acabar.

**Criança 6** - Sim, as pessoas deveriam cuidar mais da natureza e dos animais.

**Criança 7** - Sim, deveria ter muito campo sem nenhum carrapato.

#### 4. O QUE VOCÊ FARIA PARA MELHORAR OS CUIDADOS COM A NATUREZA?

### RESPOSTAS

**Criança 1** - Cuidar dela.

**Criança 2** - Molhar as plantas lá em casa.

**Criança 3** - Molharia as arvores.

**Criança 4** - Não deixaria os animais machucar e ficar em mãos erradas.

**Criança 5** - Preservar o meio ambiente.

**Criança 6** - Regaria as plantas direito, não arrancaria as plantas deixando a natureza mais bonita.

**Criança 7** - Os homens não deveriam cortar as árvores.



## ANÁLISE DAS RESPOSTAS ÀS QUESTÕES:

Em uma rápida análise sobre as questões, foram observados, na fala da criança, dois pontos importantes sobre os quais podemos refletir. O primeiro, quando elas são capazes de opinar e contribuir para a melhoria da sociedade. O segundo, é que a instituição (creche e pré-escola) precisa saber o que as crianças pensam e falam das atividades realizadas no espaço escolar.

No quesito instituição (creche e pré-escola), a resposta em sua totalidade foi, SIM, a criança gosta de ir para a escola. Os motivos são claros: atividades lúdicas que a instituição oferece, como brincar, desenhar, passeios, etc. Os motivos apontados para não gostar de ir são as brigas com os coleguinhas, ficar sentado muito tempo, brinquedos quebrados, etc. Elas gostariam que a escola tivesse, mas não tem, os eletrônicos: tablet e computador.

No quesito brincadeiras, elas respondem preferir as que envolvem atividades com outras crianças, brincar com os amigos ou atividades com carrinho, boneco, cabo de guerra, pula

corda, futebol. Citam também brincadeiras no espaço externo, ao ar livre, em parques, quintal, tanque de areia, campo, etc.

No quesito mundo e natureza, demonstram afinidades pelos animais, e, segundo elas, todas as pessoas cuidam da natureza. Quando foi perguntado se falta alguma coisa para o mundo ficar melhor, a criança 6, afirma que SIM, citando a água, porque todos falam que pode acabar, demonstrando uma preocupação de adulto. E o quanto ao que ela faria para deixar o mundo melhor, prioriza os cuidados com as plantas.

A finalidade da escuta é demonstrar a capacidade da criança de opinar e sugerir a transformação do mundo em um lugar melhor de viver. Espaços e tempos de viver a infância, de ser criança, espaços do brincar, da alegria, do acolhimento, do bem-estar, da imaginação, das descobertas, das fantasias, das múltiplas linguagens, dos desafios, do olhar para si e para o outro; dos olhares para o mundo espaço apreender.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGOTTI, M. (org.); GUILHERME, C. C. F. et al. *Educação infantil: da condição de direito à condição de qualidade no atendimento*. Campinas, SP: Alínea, 2009.

BORBA, A. M. *A brincadeira como experiência de cultura*. In CORSINO, Patrícia, (org.) *Educação infantil – cotidiano e políticas*. Campinas: Aut. Assoc., 2009.

BRASIL – *Constituição Federal*, 1988.

BRASIL – *Estatuto da Criança e do Adolescente*, 1990.

CORSINO, P. *A brincadeira com as palavras e as palavras como brincadeiras*. In CORSINO, P. (org.) *Educação infantil – cotidiano e políticas*. Campinas: Aut. Assoc., 2009.

DIDONET, V. (coord) – *Deixa eu falar*. Brasília: CECIP:, 2010.

FREITAS, M. T. da A. *Vigotsky & Bakhtin – psicologia e educação: um intertexto*. Juiz de Fora: Edit. UFJF, 1999.

HORN, M. da G. S. *A organização dos espaços na Educação infantil*. Porto Alegre: Artmed, 2004

JALLES, A. F. e ARAUJO, K. B. (org) - *Arte e cultura na infância*. Natal: EDUFRN-Editora da UFRN, 2011.

KISHIMOTO, T. M. *Brincadeira, espaço de cultura*. In OMEP, *Infância – Educação Infantil, Reflexões para o início do século*, Rio de Janeiro, 2000.

LEITE FILHO, A. *Proposições para uma Educação Infantil cidadã*. in GARCIA, R L e LEITE FILHO, A (orgs), *Em defesa da Educação Infantil*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

LOBO, Luiz. *A brincadeira é o trabalho da criança*. Palestra realizada no Seminário

Nacional da OMEP/Brasil, *O direito de brincar*. Rio de Janeiro, julho de 1998.

MEC/ SECRETARIA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação infantil*. Brasília, 2010.

MEIRELES, C. *Problemas da literatura infantil*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

NARANJO, Jr “Casa das estrelas” *o universo contado pelas crianças*. Bogotá: Editora Foz Impressos e Digitais Ltda, 2009.

NOGUEIRA, J. H. *O bebê e a música*. Rio de Janeiro: Booklink, 2003.

OLIVEIRA, Z. R. de. *Educação Infantil – fundamentos e métodos*. São Paulo: Cortez, 2005.

OMEP/BR/RJ – *Curso de Atualização em Educação infantil – Módulo 6: O BRINCAR no desenvolvimento da criança*. – Edição 2010

SARMENTO, M. J. *A Globalização e a infância: impactos na condição social e na escolaridade*. in GARCIA, R. L. e LEITE FILHO, Aristeo (orgs), *Em defesa da Educação Infantil*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2001.

SOUZA, . F. de. *Um palco para o conto de fadas: uma experiência teatral com crianças pequenas*. Porto Alegre: Editora Mediação, 2008.

TUBELIS, P. e FERNANDES, P. (coord) – *O que a criança não pode ficar sem, por ela mesma*. Brasília: Rede Nacional Primeira Infância, 2010.

BELINTANE, Claudemir. *Oralidade e Alfabetização - Uma Nova Abordagem da Alfabetização e do Letramento*. Editora Cortez. São Paulo, 2013

BONDIOLI, Anna & MANTOVANNI, Susana. *Manual de Educação Infantil: de 0 a 3 anos:*

uma Abordagem Reflexiva. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

BORGHI, B. Q. *As Escolas Infantis Municipais de Modena I: o modelo*. In: ZABALZA, M. Qualidade em Educação Infantil. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998. P. 93-108.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal, 1988, 305p.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e Cultura. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: MEC, 1996.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica*. – Brasília : MEC, SEB, 2010.

CAMPOS, Maria Malta e ROSEMBERG, Fúlvia (orgs). *Creches e pré-escolas no Hemisfério Norte*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1998.

CAMPOS, Maria Malta, ROSEMBERG, Fúlvia e FERREIRA, Isabel M. *Creches e pré-escolas no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

CORSINO, Patrícia. *Sobre Pais e Professores: a relação família escola na educação infantil*. 2004. Disponível em: [www.tvebrasil.com.br/salto](http://www.tvebrasil.com.br/salto). Acessado em 29-08-2006.

GIRARDELLO, Gilka / org. *Baús e chaves da narração de histórias*. Coleção Mil Bocas. Florianópolis. Sesc/ SC, 2004.

GIRARDELLO, Gilka. *Uma Clareira no Bosque: Contar Histórias na Escola*. Papyrus Editora. Campinas- SP. 2014

HADDAD, Lenira. *A relação creche-família: Relato de uma experiência*. Cadernos de

KUHLMANN JR., Moisés. *Infância e educação infantil: uma abordagem histórica*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

MACHADO, Regina. *Acordais: Fundamentos teóricos-poéticos da arte de contar histórias*. São Paulo. Editora DCL, 2004.

MARANHÃO, Damaris Gomes. *O cuidado como elo entre saúde e educação*. Cadernos de Pesquisa, nº 111, p. 115-133, dezembro/2000. <http://www.scielo.br/pdf/cp/n111/n111a06.pdf>. Último acesso em 10/09/2014

MORAES, Fabiano. *Contar Histórias: a Arte de Brincar com as Palavras*. Editora Vozes. São Paulo, 2012

OLIVEIRA, Z. de M. R. de. *Os primeiros passos da história da educação no Brasil*. In: Educação infantil: fundamentos e métodos. 6ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2010. (Coleção Docência em Formação).

ORSOLON, Luzia Angelina Marino *Trabalhar com as famílias: uma das tarefas da coordenação*. In PLACCO, Vera M. N. S.; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de (Org.).

*O Coordenador Pedagógico e o cotidiano da escola*. 8. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2011

Pesquisa, São Paulo, n. 60, p.70-78, fev.1987.

SZYMANSKI, Heloisa. *Teorias e "teorias" de Famílias*. In: Carvalho, M. (org). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Cortez, 1995.

### Missão

Promover a defesa dos direitos e o exercício da cidadania de crianças e adolescentes.

### Visão

Uma sociedade justa e responsável pela proteção e pleno desenvolvimento de suas crianças e adolescentes.

### Valores

Ética, transparência, solidariedade, diversidade, autonomia e independência.





**Save the Children**

Av. Santo Amaro, 1386 • 1º andar  
Vila Nova Conceição • 04506-001 • São Paulo/SP  
55 11 3848-8799

 /fundabrinq

 @FundacaoAbrinq

ISBN: 978-85-88060-65-4